

A vida pública não só é o ponto de partida e o território de proliferação do trabalho do grupo Contrafilé, como também é o campo de vivência dos diversos grupos que participam do seu processo de criação simbólica; pessoas com quem compartilha pontos de vista sobre as diferentes situações que propõe, para compor um olhar coletivo. Nesses encontros - que denomina Assembléias Públicas de Olhares e que constituem-se como dinâmica fundamental da sua metodologia de trabalho - o grupo tem como foco a compreensão profunda das histórias não contadas, das críticas abafadas e das experiências cotidianas invisíveis aos discursos oficiais.

Nestas páginas o grupo apresenta um conjunto de assembléias, que assumiram as mais diversas formas, no contexto que denomina A Rebelião das Crianças.

A REBELIÃO DAS CRIANÇAS

contrafilé, 2007



VAI
VALORIZAÇÃO DE INICIATIVAS CULTURAIS

 **PREFEITURA DA CIDADE DE**
SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA



A REBELIÃO DAS CRIANÇAS

contrafilé, 2007





FICHA TÉCNICA

Contrafilé

Contato:

contra_file@yahoo.com.br

Fotografia:

Peetssa

Antônio Brasileiro

Agradecimentos:

Beatriz e Caio Messina, Beatriz Carvalho, Colectivo Situaciones e Tinta Limón, Conceição Paganele, Daniel Lima, Ederson Carvalho, Equipe VAI, Fátima Freire, Frente 3 de Fevereiro, Gil Marçal, Gisela Motta e Leandro Lima, grupo PI - Política do Impossível, Jailtão, Joschi, Julia Valiengo, Lia Zatz, mães da AMAR, Maria do Rosário Ramalho, Mariana Cavalcante, Maurinete Lima, Osvaldo Ataíde, Rosa Falzoni, Simone Cassini, Suely Rolnik e todas as crianças que participaram das Assembléias Públicas de Olhares.

Copyleft:

Copyleft é uma forma de proteção dos direitos autorais que tem como objetivo prevenir que não sejam colocadas barreiras à utilização, difusão e modificação de uma obra criativa. É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.





A REBELIÃO DAS CRIANÇAS

contrafilé, 2007





Formado em São Paulo, Brasil, no ano 2000, o Contrafilé é um grupo de investigação e produção de arte que trabalha a partir de sua experiência cotidiana, implicado na realização da vida pública, o que é, ao mesmo tempo, ponto de partida e território de proliferação do seu trabalho.





ÍNDICE

A REBELIÃO DAS CRIANÇAS	06
ASSEMBLÉIA PÚBLICA DE OLHARES	18
POR QUE ESTAMOS AQUI?	20
ESTADOS DE CONFINAMENTO	23
CRIMINALIZAÇÃO E TORTURA	38
ENCONTRO COMO TRANSCENDÊNCIA	43
APÊNDICE	55
EPÍLOGO	73





A REBELIÃO DAS CRIANÇAS

São alguns anos de pesquisa motivados pela busca de uma mudança social, por gerar encontros que abram espaços de concretização do comum. Não à toa este é o nosso movimento, já que nascemos e sempre vivemos em São Paulo, cidade que apresenta uma das mais perversas estruturas de segregação social do país, criando verdadeiras fortificações; *condição oposta ao princípio da existência de uma cidade, que é a civilidade, que é o encontro cotidiano das diferenças, das pessoas de diferentes condições, de diferentes posições, em diferentes áreas, o tempo inteiro*¹; o que revela a mutilação do corpo social pela própria sociedade, na tentativa de não admitir e cinicamente não se reconhecer na produção dos próprios conflitos.

*Na medida em que você tem a atitude de grupos dispostos a se cercar, se isolar, se fechar, bloquear totalmente o contato dos membros da sua família, particularmente o das crianças, com qualquer outra parte da cidade, a não ser aquelas exatamente idênticas à sua imagem e semelhança, numa completa concepção de assepsia total, e jamais ter contato com nada que não seja a reprodução desses mesmíssimos grupos, com os mesmíssimos valores e, particularmente, com o mesmo padrão de consumo, o que você tem é uma doença social, o que você tem é um estado degenerativo, de degradação do convívio e de dilaceramento das formas de sociabilidade e de coesão que deveriam fazer de uma cidade o esteio de uma vida pública, de uma vida cívica, o que é a base de uma constituição e de uma democracia republicana como esse país pretende ser.*²

¹ Sevcenko, Nicolau in "Zumbi Somos Nós, Cartografia do Racismo para o Jovem Urbano" Frente 3 de Fevereiro, São Paulo. Brasil, 2007. www.frente3defevereiro.com.br

² Idem nota 1.





Acreditamos que apenas a elaboração coletiva dos conflitos com todas as suas contradições e mistérios, possa ampliar as possibilidades de sua compreensão ao criar um espaço de fala, escuta, ação e reflexão. Para nós, esta tem sido uma forma de construir um posicionamento mais efetivo e consciente e de resistir à apropriação automática dos fatos - que os torna formas fixas e esvaziadas de experiência, estratégia clara de controle que contribui para a estabilização e reprodução de toda a estrutura histórica de desigualdade.

O que se evidencia quando vamos um pouco mais a fundo na reflexão sobre estes conflitos é que a ilusão de segurança gera padrões de existência baseados nos estereótipos de “vítima” e “criminoso”. De um lado, “pessoas que devem ser protegidas para permanecerem sãs e salvas” e, de outro, “pessoas que ameaçam o bem estar social”: uma camada da sociedade brasileira é historicamente criminalizada, ou seja, responsabilizada pelo conflito e, por isso, tratada de forma subumana; enquanto a outra é isolada em zonas privilegiadas, em uma vida esterilizada pelo consumo e pelos muros e cercas que a protege dos “outros”. Esses padrões de existência atravessam a sociedade como padrões internos, presentes em cada um de nós.

Ao mesmo tempo, o estudo crítico sobre a mídia impressa nos mostra a impunidade que constrói as vozes do consenso sobre a tortura e o extermínio. As mesmas vozes que fizeram possível o apagamento da reflexão sobre a última ditadura militar,

o que deixou as práticas de tortura intactas e diversos funcionários ativos. Práticas que se configuram hoje como “a cara da segurança”, propondo “soluções” punitivas que chegam à distorção de colocar em pauta a redução da maioria penal. Se evidencia também o vazio de uma interlocução fora dos tabus convencionais; parece que o medo de ser associado a posições que tragam descrédito político é suficiente para gerar um manto de silêncio e hipocrisia.

Reinventar, a todo o momento, as formas de denúncia e anúncio dos fatos é parte fundamental do nosso percurso: refletindo a partir das experiências cotidianas, revivendo os fatos a cada instante, olhando nosso próprio olhar e desejo - para entender o que há neles de reprodução e onde neles está a potência de produção do novo, de ruptura - para explodir, assim, as categorias existentes.

Neste processo de encarnação dos conflitos, nos deparamos com a criminalização e o extermínio social de uma parcela enorme de crianças e jovens.³

³ Por exemplo, entre 2004 e 2006, morreram mais de 28 adolescentes que se encontravam sob a responsabilidade da FEBEM, segundo dados levantados pela AMAR – Associação de Mães e Amigos da Criança e do Adolescente em Risco.



O dado de realidade que nos convocou a olhar com atenção para isso foi uma grande rebelião que aconteceu no início de 2005 na Fundação para o Bem Estar do Menor (FEBEM) – cárcere juvenil onde vivem cerca de seis mil crianças e adolescentes julgados como criminosos.

Passamos a acompanhar diariamente as notícias sobre a rebelião, fazendo leituras críticas e coletivas de jornais. Até que começamos a substituir palavras para ver o que acontecia. Ao invés de “juventude encarcerada”, “internos”, “menores”, líamos: crianças.

Assim, pudemos entender também que o que nos move, nossa urgência, é fazer constantemente esta operação de desnudamento dos fatos, o que nos levou a nomear este trabalho *A Rebelião das Crianças*.





Folha de São Paulo, 10 de março de 2005.



JUVENTUDE ENCARCERADA *Adolescentes deixaram complexo do Tatuapé correndo; muitos portavam paus e pedaços de ferro*

'Parecia a São Silvestre', diz vizinha da Febem



Policiais e internos do complexo da Febem no Tatuapé, após a rebelião, na madrugada de ontem



Jovem ferido na rebelião do Tatuapé é levado, em carro da polícia, para o pronto-socorro

VICTOR RAMOS

DA REPORTAGEM LOCAL

"Parecia a [corrida de] São Silvestre." Com essa frase, a comerciante Elizabeth Benício, 47, que possui dois bares em frente ao complexo do Tatuapé, descreveu a cena que viu durante a fuga de centenas de adolescentes da Febem na noite de anteontem.

O marido dela, José Venâncio, 44, também acompanhou a movimentação. "Vieram da parte de trás do complexo, correndo com paus e pedaços de ferro na mão. Dessa vez, pelo menos, não entraram aqui no nosso bar."

No bar da esquina ao lado, no entanto, funcionários e clientes não tiveram a mesma sorte e viram o estabelecimento ser invadido por um grupo de três adolescentes que pediam as chaves dos carros dos presentes para a fuga. Ninguém se forneceu e, com pressa, eles acabaram fugindo a pé.

O garçom Antonio Ferreira estava trabalhando no momento da invasão. "Vieram com uns pedaços de pau. Dá muito medo. Trabalho aqui faz um mês e acho que já é a quarta rebelião que eu vejo."

Os moradores do entorno do

complexo também afirmam viver uma rotina de medo com as constantes fugas e rebeliões. "Ultimamente isso está um pesadelo. Ninguém aqui está vivendo. Está vegetando, sem dormir, com medo de sair", afirmou Maria Pereira de Jesus, 40, que mora em uma casa em frente ao complexo.

Ela disse que não conseguiu entrar em sua casa no momento da fuga porque muitos adolescentes passavam, impedindo o acesso dela à porta do imóvel. "Estava sentada na calçada e vi uns funcionários da guarita saírem correndo. Fui dar uma olhada e, quando virei para trás para entrar em casa, vi aquela correria na calçada em frente, não tinha mais como voltar", afirmou.

De acordo com relatos de outros moradores e comerciantes da região, alguns adolescentes entraram em prédios próximos para tentar se esconder. "Vi tudo da minha varanda. Apesar de escuro, vi alguns pulando muros. Eles querem fugir, porque aí dentro a gente sabe que eles são maltratados", afirmou o vendedor José Carlos Nunes, 40, que mora e trabalha a poucos metros do complexo do Tatuapé.

Refém compara situação a um filme de terror

DA REPORTAGEM LOCAL

"Já assisti a um filme de terror com alguém correndo atrás de você, querendo matá-lo? Foi exatamente isso o que ocorreu." O relato é de uma coordenadora pedagógica que ficou por quatro horas como refém de internos rebeldes no complexo da Febem no Tatuapé.

Segundo ela, que preferiu não se identificar, na unidade na qual trabalha havia três funcionários para cuidar de 48 adolescentes.

"De repente, o local foi invadido por internos de outras unidades. Alguns queriam nos matar. Era um cenário de horror, de tristeza, de morte. Adolescente com medo de adolescente. Fomos salvos por um grupo de internos", contou.

OUTRO LADO

Rebeliões não impedem mudanças na instituição, afirma presidente

DA REPORTAGEM LOCAL

vos funcionários — 1.751 monitores foram demitidos há um mês e

fugissem, seriam espancados caso fossem capturados. Hoje, eles

JUVENTUDE ENCARCERADA *Ele disse que o governo abriu sindicância e informará o caso à Organização dos Estados Americanos*

Lembo culpa 'agentes externos' por motim

Construção de novas unidades está atrasada

DA REDAÇÃO

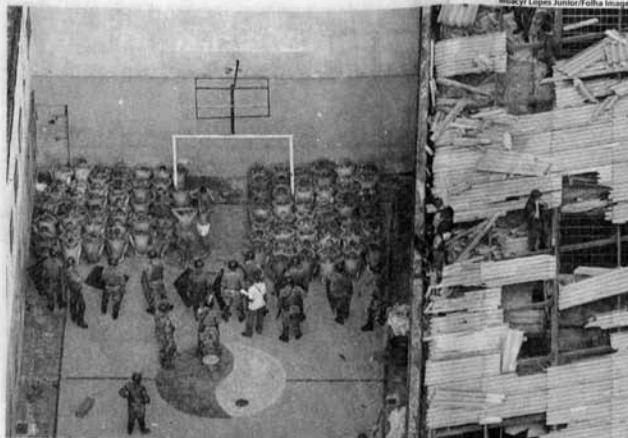
Prometidas há mais de um ano pelo ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSDB), nenhuma das 41 novas unidades da Febem no interior paulista está em funcionamento. O anúncio do projeto foi feito em março de 2005, durante uma onda de rebeliões, e sua realização, na época, foi estimada em 150 dias (agosto).

A construção delas permitiria a desativação do complexo do Tatuapé que, no entanto, viveu ontem mais um dia de rebelião com praticamente o mesmo número de internos —1.228— de quando o anúncio foi feito por Alckmin, hoje pré-candidato à Presidência.

O projeto de descentralização —com unidades para 40 internos e mais 16 vagas para internação provisória— permanece longe de ser concluído e, agora, o prazo para que a Febem no Tatuapé seja desativada ficou para o final do ano. Apenas duas construções, em Campinas, estão prontas, mas seus funcionários ainda estão em treinamento. Outras 19 unidades estão em construção.

Em Guarulhos e em Osasco, cinco obras estão embargadas pela Justiça. Há, ainda, mais 12 em licitação.

O governo atribui o atraso à resistência das prefeituras e das populações dos municípios em abrigar as novas unidades. (VICTOR RAMOS)



Policiais observam internos do complexo da Febem no Tatuapé logo depois do término do motim



Funcionários feridos em rebelião que começou na noite de terça-feira são atendidos em ambulância

MAURÍCIO SIMONATO

DA AGENCIA FOLHA, EM JUNDIAÍ

O governador de São Paulo, Cláudio Lembo (PTB), disse ontem em Jundiaí (60 km de São Paulo) que as rebeliões nas unidades da Febem são "provocadas por agentes externos que falam em direitos humanos".

"Nos temos aqui e ali sabe o que? Provocação de agentes externos. É bom que fique claro. Toda vez que alguns agentes externos ingressam na Febem com uma ideia de que são humanos, na verdade eles estão criando atos desumanos", disse após ser questionado sobre a rebelião na Febem no Tatuapé.

Lembo disse que o governo abriu sindicância para apurar os nomes dos "agentes externos" e que, depois disso, informará o caso à OEA (Organização dos Estados Americanos).

Ele ainda disse que "não é justo que alguém que fale em direitos humanos viole direitos humanos".

O governador participou ontem em Jundiaí da inauguração de obras no aeroporto de Jundiaí, na rodovia Anhangüera e do restaurante Bom Prato.

Ele também voltou a afirmar que a Febem no Tatuapé será desativada até o fim deste ano.

O governador mencionou quatro prefeituras administradas pelo PT —Suzano, Osasco, Guarulhos e São Carlos— ao falar sobre o programa do governo de descentralizar unidades da Febem.

"Lamentavelmente, as cidades

que não têm permitido a Febem são cidades de um partido que bloqueia que a sociedade possa reintegrar os menores."

As prefeituras dessas cidades afirmam que o governo não apresentou projetos das unidades e tentou impô-las sem debate. A Prefeitura de São Carlos informou que nunca houve projeto de instalação da Febem na cidade.

Questionado sobre uma cidade administrada pelo PSDB que também rejeitou a Febem —Bragança Paulista—, Lembo afirmou que negocia com a administração local.

FRASE

Toda vez que alguns agentes externos ingressam na Febem com uma ideia de que são humanos, na verdade eles estão criando atos desumanos

CLÁUDIO LEMBO
governador de São Paulo

OEA

O Cejil (Centro pela Justiça e o Direito Internacional) vai pedir a representantes da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA que visite as unidades da Febem no Tatuapé.

Segundo Beatriz Affonso, do Cejil, o convite será dirigido à relatoria de pessoas privadas de liberdade.

Em novembro de 2005, foi encaminhada à Corte uma acusação de

maus-tratos e espancamento de internos do Tatuapé. No mês seguinte, o órgão determinou que o governo adotasse medidas para proteger os adolescentes.

Em fevereiro deste ano, entidades brasileiras de direitos humanos enviaram relatório à Corte que apontava irregularidades no na Febem no Tatuapé. Segundo o relatório, a fundação não cumpriu determinações do órgão.

Colaborou LUISA BRITO, da Reportagem Local

JUVENTUDE ENCARCERADA *Funcionário responde a processo criminal; é o terceiro caso desde as demissões de fevereiro*

Febem recontrata acusado de espancamento

A FEBEM EM 2005

JAN

Dia 12
Monitores são presos após uma denúncia de tortura a internos no complexo da Vila Maria. A Justiça decreta a prisão de 37 funcionários

FEV

Dia 17
Governo anuncia a demissão de 1.751 monitores, que serão substituídos por educadores sociais e agentes de segurança. O objetivo seria livrar a instituição de supostos agressores

Dia 21
Governo volta atrás e anuncia a recontratação de cerca de 380 funcionários do grupo de demitidos para exercer cargos de chefia

Dia 28
TRT (Tribunal Regional do Trabalho) anula as demissões. Os 788 funcionários com mais de três anos de instituição não podem ser demitidos, mas a Febem não é obrigada a reintegrá-los (podem receber sem trabalhar). Os outros ganharam estabilidade por 60 dias

MAR

Dia 10
A Febem registra a segunda maior fuga de sua história: 307 internos do Tatuapé conseguem escapar

Dia 11
Em Franco da Rocha, uma funcionária é estuprada por internos. Outra é molestada sexualmente

Dia 18
Governador Geraldo Alckmin anuncia a transferência, por seis meses, de internos com 18 anos ou mais para uma penitenciária em Tupi Paulista

Dia 24
Febem passa a apurar a primeira denúncia formalizada de espancamento. As agressões teriam ocorrido na transferência para Tupi Paulista

Fonte: Febem/DF



Ayerton Vignola - 13 mai 05 / Folha Imagem

ABR

Dia 13
Laudos apontam marcas de espancamento em 60 internos em Tupi Paulista. Eles teriam sido agredidos no dia 10

MAI

Dia 2
■ **A Folha publica reportagem sobre levantamento dos promotores da Infância e da Juventude sobre a apreensão de 47 telefones celulares em poder dos internos de três complexos neste ano**

■ **A Promotoria relata a existência de regalias para internos — como a visita íntima e a substituição do uniforme por roupas encaminhadas pelas famílias**

Dia 4
Confronto durante rebelião no complexo Tatuapé **deixa 40 funcionários e dez internos feridos**. Os rebeldes fazem 21 reféns



Eduardo Knapp - 4 mai 05 / Folha Imagem

Dia 11
Um grupo de 15 internos do complexo Tatuapé consegue escapar pela rede de esgoto. Seis são recapturados; **o restante atravessa o Tietê a nado e foge**

Dia 13
Justiça concede alvará de soltura a 18 funcionários da Febem acusados pelo espancamento de 111 internos do complexo Vila Maria

Dia 16
O secretário da Justiça, Alexandre de Moraes, que acumulava a presidência da Febem, **deixa a pasta e a entidade**

Dia 18
Um revólver calibre 38 é encontrado com um amotinado no complexo Raposo Tavares

Dia 30
Durante a noite, um grupo de internos foge do complexo Vila Maria. A polícia recaptura cinco dos 15 jovens que escaparam

GILMAR PENTEADO AFRA BALAZINA

DA REPORTAGEM LOCAL

No mesmo dia em que demitiu 137 agentes educacionais, muitos por supostamente não serem "aptos" ao trabalho pedagógico, a Febem de São Paulo recontrata, na última quinta-feira, um funcionário acusado em processo criminal que apura tortura de internos.

O nome dele também estava entre os funcionários vetados por suposto envolvimento com agressões em uma listagem feita pelo Ministério Público a pedido da própria fundação.

E a terceira vez que a Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), instituição do governo de Geraldo Alckmin (PSDB), readmitiu um réu em processo por tortura desde o anúncio, em fevereiro, da demissão de 1.751 funcionários.

O objetivo era justamente livrar a instituição de supostos agressores. Nas outras vezes, a fundação admitiu o erro após ser procurada pela reportagem e cancelou a contratação. Ontem, a Febem também informou que o funcionário será demitido pela instituição (leia texto nesta página).

Anteontem, no horário eleitoral do PSDB, Alckmin prometeu resolver os problemas da Febem, apontada como o principal ponto de desgaste em sua possível candidatura à Presidência da República. Ele citou as demissões de "1.751 maus funcionários" e a construção de 41 pequenas unidades como a solução para a crise.

Levantamento

A Promotoria da Infância e Juventude de São Paulo também fez, em fevereiro, um levantamento que apontou que, de uma listagem de 165 funcionários a serem recontratados, 36 eram investigados em procedimentos do Ministério Público por supostamente

OUTROS CASOS

Fundação demite funcionário após saber de processo

DA REPORTAGEM LOCAL

A Febem afirmou que o funcionário acusado pelo crime de tortura foi demitido ontem mesmo, assim que a fundação soube do processo criminal contra ele.

A fundação não esclareceu, porém, por que o funcionário foi readmitido no "Diário Oficial" do Estado mesmo com as ressalvas do Ministério Público. O processo contra ele tramita na Justiça desde 2003.

A Febem também negou a demissão em massa de agentes educacionais. Segundo ela, a maioria dos demitidos foi contratada para trabalhar nas unidades do complexo do Tatuapé que foram desativadas. Os demitidos de outras unidades, porém, não teriam se enquadrado no perfil da instituição.

O contrato com os agentes tinha prazo de até 180 dias, segundo a instituição, e os funcionários sabiam que poderiam ser desligados a qualquer momento.

agredir internos da instituição.

Entre eles também estava o funcionário recontratado pelo "Diário Oficial" do Estado da última quinta-feira. Readmitido na função de coordenador de equipe, cargo de confiança, ele responde pelo crime de tortura de 12 internos supostamente ocorrida em 2000, na unidade 30 — já desativada — de Franco da Rocha (Grande São Paulo). A denúncia

do Ministério Público foi aceita e o processo ainda tramita na Justiça de Franco da Rocha.

Segundo entidades de direitos humanos, a Febem priorizou, nas últimas contratações, a admissão de ex-agentes que pertenceriam à chamada "linha-dura" para tentar conter rebeliões e fugas. Neste ano foram 28 rebeliões — mesmo número registrado em todo o ano passado —, segundo a Febem.

Em contrapartida, também segundo as entidades, agentes educacionais — apontados no início do projeto de reformulação da Febem como os responsáveis pelo trabalho pedagógico — estariam sendo demitidos.

"Uma grande contradição está acontecendo. Estão demitindo educadores três semanas depois do anúncio de um novo projeto pedagógico. Quem vai executar o projeto? Os agressores?", questiona Ariel de Castro Alves, coordenador estadual do Movimento Nacional dos Direitos Humanos.

Para a coordenadora-geral da Fundação Projeto Travessia, Lúcia Pinheiro, há um "absoluto retrocesso" na Febem. "Vários educadores demitidos passaram pelo Travessia, tinham boa formação e acreditavam no trabalho. Acho que o resultado dessa demissão em massa será ainda mais violência", afirma.

Demitidos, por sua vez, dizem que a linha-dura pode voltar. "Há uma mudança de mentalidade. Houve a saída de vários diretores do Tatuapé e, depois, os educadores foram demitidos. Os novos diretores vieram com as suas equipes montadas", afirma o educador L.S., 31, que assinara a rescisão de contrato, que venceria em julho, na sexta-feira.

A arte-educadora E.V., 26, diz que a demissão foi feita sem uma justificativa. "Não sei se as agressões vão voltar, mas o método antigo, com certeza. A parte pedagógica vai cair de vez", acredita.

Conversando com ex-internos da FEBEM, mães de jovens internados, presos ou sob liberdade assistida, crianças que moram na rua e um ex-diretor de unidade da FEBEM, aprofundou-se em nós a necessidade de uma ressignificação coletiva de idéias como “violência”, “rebelião” e “resistência” que quando banalizadas e esvaziadas da experiência que as origina, caem em uma generalização preconceituosa que ignora a natureza do conflito social e colabora para aumentar o medo do outro.

Ex-diretor de unidade da FEBEM: Temos que atacar os ideólogos da tortura, é assim que eu chamo. E quem são os ideólogos da tortura? São funcionários públicos, servidores públicos, eles saem de um lugar e vão pra outro, mas sempre dentro da mesma instituição. E eles sempre têm o poder de mando, em determinados momentos outros têm em nome deles. Esses são os que permanecem desde a década de 1980, permanecem dentro da instituição, eles mantêm a ideologia da tortura dentro da FEBEM. São vários, responsáveis por coisas gravíssimas lá dentro. E como você prova isso? Como é que você prova isso se você não fizer uma árvore genealógica da FEBEM, uma cartografia que permita um mergulho em profundidade?

Contrafilé: Dos ideólogos da tortura até os funcionários, o que você acha que mantém a tortura hoje, quais as causas disso?

Ex-diretor de unidade da FEBEM: É a hipocrisia da sociedade que mantém a tortura, infelizmente, é a hipocrisia da sociedade que legitima esse tipo de abuso. Na verdade, se a gente considerar que de 80 a 90 por cento das infrações cometidas por adolescentes são consideradas, no código penal, como crimes contra o patrimônio, nós temos uma situação escancarada que grande parte desse problema é a desigualdade econômica, então você não pode dizer que a maior parte dos meninos infratores que estão internados são perigosos, bandidões, assassinos... Não, são meninos que roubaram coisas, carros, patrimônio, ponto! Na minha opinião, o funcionário mantém a tortura porque o Estado é legitimado por uma sociedade que quer preservar seu patrimônio a qualquer custo. Em nome de uma cultura onde o “ter” se sobrepõe a qualquer coisa, o menino tem que ser

contido, tem que ser morto, tem que desaparecer, porque a lógica é a de que ele vai me tirar algo, em última instância vai me tirar a vida, mas é mentira, porque é uma parte muito insignificante que mata. Na nossa sociedade, você sabe muito bem que o opressor - e a gente vê isso até pelas telenovelas - quer longe qualquer um que tire o que ele acumulou. O cara conseguiu um salariozinho melhor, conseguiu a prestação do carro novo, daí não quer nem imaginar que alguém possa lhe tirar isso, preserva o patrimônio como se fosse a última coisa da vida dele, a única alternativa. Então, quando a FEBEM mostra um retrato de meninos perigosos, que roubam, que matam, a sociedade: "Opa, não quero esse ser humano aqui comigo, por que vai me roubar, vai me matar". Vou tentar uma analogia: você vê o menino em cima do telhado pela televisão, com um estilete "desse tamanho", as "highlanders", "knifes", como eles falam, com um pano amarrado no rosto, fora de controle, todo mundo vendo aquilo, a sociedade cria uma imagem de monstros, é óbvio. Se esse menino apanhar, imagine, "por que não poderia apanhar"? Só que, quem sobe no telhado é uma parte insignificante; a maioria fica em baixo do telhado, com medo. Se a FEBEM inteira subisse no telhado, o telhado caía. A sociedade legitima a prática de contenção, a sociedade diz: "Contenham esses monstros!"

Contrafilé: Por que para o Estado interessa manter a tortura?

Ex-diretor de unidade da FEBEM: O Estado quer a manutenção do voto, na medida em que eu garanto a ordem, eu garanto o voto.

As rebeliões na FEBEM denunciam para nós não a existência de uma "juventude criminosa", mas a condição da criança (*latu senso*) como representante máximo do estado degenerativo da nossa sociedade. O olhar maniqueísta sobre a situação - a partir do qual se está "contra ou a favor" do crime, "contra ou a favor" da sociedade - reiterado pelos meios de comunicação, tipificam as crianças e jovens como "ameaças". É necessário, no entanto, antes de afirmar, perguntar: de que rebelião se trata?



A *Rebelião das Crianças* é compreendida por nós, acima de tudo, como uma atitude e uma postura no mundo, que quer trazer à superfície termos e fatos escondidos, mascarados, apagados ou transformados em tabus pelo discurso social dominante. É denúncia/anúncio da transformação atitudinal necessária para que venha a florir nesse mundo a condição verdadeira de humanidade. Pretende convocar o outro a uma espécie de viagem que acontece em algum lugar entre o sonho de se relacionar com o outro para criar vida pública e a realidade de uma vida fragmentada em ilhas. Buscamos ocupar esse “lugar entre” criando imagens de possíveis. Assim, a construção simbólica é o anúncio de uma experiência não categórica que inicia um processo de perguntas ao assumir que este conflito nasce da nossa própria subjetividade e de nossos desejos, medos e ações mais rotineiras.







Assembléia Pública de Olhares realizada pelo Contrafilé na Praça da Sé, centro de São Paulo, em 2005.





ASSEMBLÉIA PÚBLICA DE OLHARES

Assembléia Pública de Olhares sf I Encontro de pessoas com o fim de compartilhar o que as paralisa ou mobiliza; encontro de intimidades; **2** Criação coletiva de perguntas e exercício de dar nome às urgências; lugar de aprendizagem; **3** Prática coletiva de escuta-ativa que leva à produção de conteúdos e/ou símbolos resultantes da consciência de uma experiência comum; **4** Invenção de tempo e espaço para o dissenso; afirmação de singularidades co-criadoras de realidade; **5** Mobilidade interna; **6** Disponibilidade para relacionar-se com inteireza; **7** Descondicionamento de padrões repetidos; mudança de hábito; **8** Movimento de desatar os laços sociais previstos pelo Estado de Confinamento; espaço para relações proibidas; **9** Estado manifesto de criação.

Para tornar público o que descobrimos no encontro com o "circuito das crianças criminalizadas", pusemos em prática a idéia de Assembléia Pública de Olhares, convidando três pessoas para discutir problemáticas que ressoaram no grupo ao viver este processo: 1. Tortura/terro-rismo de Estado: o que significa a tortura hoje?; 2. A lógica que mina a potência de criação; 3. Como re-significar traumas sociais e culturais que

impossibilitam a construção de vida pública?

As convidadas são referências importantes para nós, porque nos ajudam a pensar e entender as questões que levantamos, impulsionando nossa potência vital, colaborando de diferentes formas em nossa criação, a partir de uma dimensão muito íntima, nos ajudando a "politizar nossas angústias".





Conceição Paganele, referência do movimento das mães contra a tortura nas prisões (AMAR⁴); Maurinete Lima, socióloga e integrante da Frente 3 de Fevereiro⁵; e Suely Rolnik, psicanalista que trabalha com cultura contemporânea, focada nas relações de poder, fragilidade, trauma, formação do desejo nos diferentes contextos de nossa época (ditaduras e neoliberalismo, comparando principalmente América Latina e Europa).

Nossa proposta para este encontro era conectar essas três mulheres para discutir o que estamos chamando de Estado de Confinamento – aquilo que tenta nos impedir de seguir desenvolvendo nossa potência de luta e criação – e inaugurar um espaço de diálogo em que fosse produzido um sentido comum, que transformasse a própria natureza dos fatos, olhando-os não somente pelo ângulo da denúncia, mas pela possibilidade de resignificação.

4 Associação de Mães e Amigos da Criança e do Adolescente em Risco.

5 Coletivo formado por pessoas de diferentes áreas que se mobilizaram a partir de um dado de realidade: no dia 3 de fevereiro de 2004, o jovem negro Flávio Sant'Ana, "confundido" com ladrão, foi assassinado pela polícia militar de São Paulo.



POR QUE ESTAMOS AQUI?

Os acontecimentos dentro da FEBEM, a criminalização sobre a população negra e pobre com uma aceitação passiva de grande parte da população, a construção de mais e mais cárceres - um sistema carcerário com 200 mil presos só no Estado de São Paulo (quando em 1994 eram 55 mil) e chegando a 500 mil no Brasil em 2007 (em 1994 eram 110 mil) - a classe média e a elite produzindo bairros fechados por toda a cidade, protegendo as zonas de consumo, cercas elétricas, mais e mais automóveis, guardas privados, muralhas de todos os tipos, configuram um panorama de confinamento social, um verdadeiro Estado de Confinamento.

Uma das coisas que foi ficando clara ao longo desta investigação é que cada luta isolada não consegue romper o confinamento. Por outro lado, afirmando o lugar da presentificação e da explicitação, dentro das narrativas e na conexão das lutas, se fazem possíveis caminhos onde a quebra do confinamento passa por reconhecer e denunciar, em primeiro lugar, a própria hipocrisia.

Maurinete: Eu acho que mesmo que nós três tenhamos especificidades, também temos uma proximidade. E eu queria saber mais sobre esta proximidade, como nós podemos entrar dentro dessa história de Estado de Confinamento.

Suely: Mas, aí, a gente precisa saber um pouco mais que história é essa agora e aqui. Eu concordo com a Mauri. Porque a Conceição, a Mauri e eu?

Contrafilé: Eu vou falar um pouquinho o que eu

estou pensando agora. O Contrafilé trabalha pensando determinadas situações que partem da nossa experiência e tentando sistematizar o pensamento; e sistematizamos o pensamento também quando produzimos símbolos, intervenções na rua. E a gente vem desenvolvendo um trabalho a partir dessa angústia do confinamento, que não é a de estar dentro de uma prisão, mas de sentir o confinamento como um estado geral que chega até nós e atravessa a nossa experiência.



Suely: Então, não é só o confinamento dos outros, mas também quando vocês se sentem confinados.

Contrafilé: Sim, é também como a gente se sente confinado. E aí, eu acho que o confinamento tem a ver com várias coisas. Tem a ver, por exemplo, com a dificuldade de se relacionar com o outro, o outro que se configura sempre como um outro distante e como, do nosso lugar, isso vai se configurando. E eu acho que deu vontade de quebrar um pouco também esse confinamento, esse lugar de elaboração e de “pensar confinado”, sempre entre a gente. Deu vontade de abrir isso e de misturar pessoas com experiências diferentes de confinamento. Como, juntos, podemos misturar experiências para pensar, para ampliar o entendimento disso?

Suely: Quando vocês pensam em confinamento, onde vocês estão sentindo isso? Onde vocês se sentem confinados? Em quê? Como?

Contrafilé: Eu acho que está aí uma coisa fundamental, que é como cada um, todo o tempo, em cada um dos seus ambientes, queira ou não, reproduz relações que têm a ver com sustentar o sistema. Eu colocaria aí, uma parte grande de sentido de confinamento. Por exemplo, o consumo, por mais críticos que sejamos, sempre terminamos consumindo. Neste sentido, acho interessante pensar como o Estado organiza a lógica do confinamento, ver como o sistema se volta cada vez mais perverso e cada vez há mais presos. É uma lógica de prender e consumir a insegurança. E isso é uma construção

social, porque tem toda uma parte civil que permite e que acredita que isso seja uma solução.

Maurinete: Mas quando vocês falavam da “descatracalização”⁶, ela apontava exatamente para como a gente estava se confinando e, a partir daí, todo mundo colocou a “descatracalização” como uma forma de superar isso. Então, eu já estou pensando o que se quer com o Estado de Confinamento. Porque a catraca “desbaratou” coisas que nem se esperava. Você via exatamente como o confinamento quebra, literalmente, a espinha dorsal quando coloca o sujeito para passar por baixo da catraca. Depois, quando se leva este questionamento para o vestibular, isso se amplia, porque você vê a “descatracalização” de outro ponto de vista no momento em que o cara que não entra no vestibular queima uma catraca na frente da FUVEST. Então, a catraca é como um símbolo enorme de se superar. E essa história do Estado de Confinamento? Onde que isso leva?

Contrafilé: Eu penso que o Programa para a Descatracalização da Própria Vida já apontava um desejo comum. Pensar em um Estado de Confinamento como síntese simbólica, como estamos pensando agora, realmente parece o inverso. Então, como seria este processo de desconfinamento? Se ao denunciar o Estado de Confinamento, o desconfinamento não está *a priori* contido, apenas contido como inverso, eu acho que isso acontece no sentido do desejo de se discutir o que é isso, de abrir espaço mesmo, para pensar.

6 Apêndice I, pág. 56.





Contrafile: Exatamente. Abrir esse espaço para, partindo da nossa experiência nesta cidade, neste lugar específico, reconhecer quais são os lugares de confinamento próprio. Do que cada um tem medo, quando cada um se sente confinado e se paralisa, quando cada um se sente desconfinado e se mobiliza. E aí, pensando nas lutas específicas, a gente sabe que tem momentos de sair do confinamento e emergir, começar a lutar, e principalmente entender que se pode lutar. E em determinados momentos, isso se paralisa. Eu fico pensando... qual é essa lógica que mina a potência da criação?



ESTADOS DE CONFINAMENTO

Hoje, a principal arma do sistema parece ser a absorção dos desejos para a manipulação dos comportamentos, estruturando nossa “subjetividade confinada”. Portanto, o lugar da ruptura seria o próprio comportamento; não quando já manifesto, mas antes de estar organizado; com a revisão crítica permanente daquilo que se deseja.

Na medida em que nomeamos nosso confinamento, começamos a romper com as prisões internas, que são nossos próprios preconceitos, nossa própria hipocrisia, os lugares herdados que tiram autonomia de pensamento e ação.⁷ Porque acreditamos que o Estado de Confinamento nasce em um lugar muito íntimo e se afirma e reproduz na intimidade. Por isso, para superar o confinamento é preciso ir além do reconhecimento exterior de que, por exemplo, há machismo ou racismo. Precisamos entrar de cabeça na crítica e na mudança de nossos próprios hábitos.

Suely: Eu estou sentindo um tipo de confinamento que para mim é novo. Eu não sei se vou conseguir falar direito dele ainda. Nos últimos anos, eu estava sentindo um movimento de desconfinamento, eu estava sentindo que tinha um monte de gente pipocando em um monte de lugar. Eu trabalho muito fora do Brasil e dentro, vou e volto. Eu sentia que tinha gente em vários lugares em um movimento de criação, vendo o que estava se passando e buscando estratégias para combater, pensar, entender.

E agora, recentemente, eu estou sentindo que muito do que foi pensado, falado, apresentado, daquilo que está sendo comunicado é imediatamente incorporado por um discurso oficial e totalmente esvaziado do movimento vital e das tensões que levaram a pensar as situações reais; da experiência de coisas intoleráveis que estamos vivendo. Esvazia e muda a direção da palavra. Aí, vira uma coisa “superbacana”, quando na verdade são palavras que falam das coisas complicadas, dos problemas que se está vivendo

⁷ Zibechi, Raúl. “Dispersar el Poder”, Tinta Limón. Buenos Aires, Argentina, 2006. www.situaciones.org

que você tem que enfrentar. As palavras estão aí, mas não o conteúdo delas, a experiência não está mais nelas. E essa experiência que se estava vivendo ao inventar essas palavras é completamente anulada, neutralizada. O que predomina não é o que essas palavras significam, mas a falcatrua absoluta, a violência absoluta e total de exploração e dominação.

Contrafilé: Fala mais...

Suely: O que eu sinto é que nessa operação que está acontecendo agora, que eu não acho que é um acaso, mas uma estratégia deliberada de poder - internacionalmente, não só aqui - quando você produz, cai no vazio, porque é incorporado e não está existindo o movimento de gente que recebe isso e que trança com isso, inventa outra história e a coisa vai indo. Cai no vazio, vira uma coisa solitária. E isso que está acontecendo dá muita impotência e tristeza. Porque você vê que é absolutamente indigno o que está sendo feito, mas não tem nem como expressar isso publicamente. Eu vou pegar um exemplo mais recente na minha cabeça. Uma conversa que eu tive com a Raquel Rolnik, que era do Ministério das Cidades e batalhou pela moradia, pelos planos de gestão democrática das cidades e resolveu não ir para o segundo governo Lula e estava me explicando o porquê. A gente estava conversando e ela estava tentando me dizer qual a sensação que a levou a não continuar nesse segundo mandato. E o que ela falava era exatamente isso que eu estou sentindo. Duas coisas: primeiro, tudo o que elas batalharam, trabalharam, é o dis-

curso oficial do governo Lula no Ministério das Cidades, mas o poder que decide realmente o que vai ser feito, que decide absolutamente cem por cento são as falcatruas do setor imobiliário, as empreiteiras. Esse é um lado da questão. O outro lado, e eu já ouvi vários depoimentos parecidos, é de contra-movimento. A Gabriela, que é a presidente do movimento das prostitutas no Brasil⁸, tinha que ir para a Bahia em um encontro em que ia se decidir uma coisa super importante, uma decisão que a ONU está tomando sobre a prostituição que é barra pesadíssima. O EUA quer que a ONU proíba o movimento de prostitutas no mundo e em lugar disso propõe X, Y, Z. A Gabriela não agüenta mais ter que puxar tudo, então resolveu não ir para a Bahia porque falou: "Se os que estão empenhados discutirem e não conseguirem dizer não, não sou eu que vou dizer, eu não agüento mais". Então, essa é a realidade, não se está conseguindo. Isso vai deixando exausta, vai deixando triste.

Conceição: Confinado, né?

Suely: É, confinado.

Conceição: Você está preso, né? Não tem como furar o cerco.

Maurinete: A sensação que eu sinto, é que eu não acredito nessas antigas formas. Para mim elas são banalizadas.

8 www.beijodarua.com.br



Suely: As antigas formas de luta?

Maurinete: Sim, as antigas formas de luta.

Suely: É. Para mim também.

Maurinete: Agora, para mim, o que eu sinto, no meu caso de confinamento, é que existe um medo, o medo de saber que está existindo alguma coisa nova e ainda não perceber qual a forma de atuar; e daí eu me apego. E é gozado, me apego exatamente a essas formas que eu não acredito mais. Mas eu também me apego a novas coisas, é como se tivesse havendo um movimento, uma coisa nova e que eu ainda não sei o que é, mas está havendo. Eu concordo com você, ontem vi o Serra falar sobre “autonomia da universidade”, sobre o “problema dos grupos”, “das pessoas que estão excluídas”. Eles pegam as palavras fortes e esvaziam. Mas, ao mesmo tempo, o sistema não dá conta. Por exemplo, a favela do Alemão, por mais que diga: “É uma luta de traficante lá”, você não acredita naquilo simplesmente, entendeu? É muito mais complexo. O que eu sinto medo é que não dê tempo da coisa emergir e eu ter elementos para entender, e essa é uma grande comoção, de saber como agir, e é por isso que eu fico correndo exatamente atrás do pessoal que não teme as coisas encasteladas, cristalizadas, e eu acho que é por aí. Agora, realmente esse medo eu sinto, eu sinto. Não é um medo como de antigamente, de não conseguir cercear o problema. É um medo, como a Suely diz, de usar uma coisa profundamente

potente, esvaziando. E as pessoas acreditarem. Então, eu digo, essa forma não dá.

Contrafilé: Eu pensei aqui num exemplo que a gente tem discutido muito, que é aquela “semana do PCC”, em maio de 2006.⁹ No momento que aconteceu, primeiro em 2001 e depois em 2006 aquele fenômeno nas prisões, todo mundo sentiu de forma muito evidente essas forças que a gente está falando, tanto da paralisia, quanto da possibilidade de rebeldia e resistência. Todo mundo sentiu no corpo que existe uma ditadura, hoje não evidenciada, mas que está aí; a gente queria sair na rua para fazer alguma coisa, e falava: “Se a gente sair na rua, a gente vai ser morto”. Era muito forte. Ali, é como se a situação tivesse levantado uma pergunta. Em 2001, quando os presos falaram, no meio da rebelião, “Não estamos em rebelião queremos nossos direitos paz”¹⁰, isso trouxe uma complexidade enorme. Eles, que estão ali dentro das prisões, estavam levantando uma pergunta. E naquele momento, a dimensão de pergunta ainda era mais evidente, por mais que a pergunta ainda não fosse e ainda não seja tão clara. Qual a pergunta que eles estavam fazendo naquela situação para a sociedade? A gente ficou: “Não, espera, aí tem alguma pergunta, que eles estão levantando e a gente está tentando entender”.

⁹ Semana de atentados do PCC, em maio de 2006: rebeliões deflagradas em penitenciárias e cadeias públicas do Estado de São Paulo, ônibus incendiados em bairros pobres e ricos e agentes de segurança mortos. Situação que resultou no extermínio de centenas de pessoas consideradas “suspeitas”.

¹⁰ Apêndice 2, pág. 64.





Então, a questão não é saber a resposta, é estar articulado para pensar na pergunta: Que pergunta é essa que eles estão levantando? que a gente se pergunta a partir disso? que a gente precisa se perguntar juntos hoje?

Conceição: Qual a mensagem né? que está por trás.

Contrafilé: Exatamente. E se a gente não está articulado, essa articulação para sentar e pensar junto que pergunta é essa, a pergunta vai rapidamente se tornando uma resposta. E uma resposta cada vez mais determinada, um tabu. E as respostas do poder são muito rápidas.

Contrafilé: Mais prisões, mais segurança.

Contrafilé: Sempre parece que as coisas difíceis de pensar juntos, como por exemplo, a prostituição e as prisões, estão lá longe, como se essas formas de confinamento não nos dissessem respeito. "O meu confinamento é o confinamento do consumo, mas aquele é outro". Mas não é outro, é parte de uma mesma coisa, é o reflexo. Só existe esse confinamento porque existe aquele. E a gente tem muita dificuldade de abrir espaço para pensar sobre algumas coisas de uma forma mais profunda, mais aberta mesmo. E aí, a gente não conversa sobre isso. Porque a gente não consegue conversar sobre isso? Por que dá tanto medo de entrar nessas questões?

Maurinete: Nestes dois campos, da sexualidade e dos aprisionamentos, a gente acha que infringiu as regras do sistema, então tem uma sanção. E é muito louco, porque é a mesma moeda, o sistema se mantém exatamente porque tem essa sexualidade ali, como luxúria, como fantasia. Eu acho que a dificuldade da gente acontece quando analisamos isso como se fossem dois mundos. Mas é o mesmo mundo. Por exemplo, nesse sistema do casamento clássico, o homem se propõe a ter uma mulher pública e ele faz toda uma fantasia para manter esse casamento, a família, a mulher para procriação, não pode fazer certos gestos. Então, um lado da moeda mantém o outro. Eu acho que a gente tem que conseguir pensar tudo como uma mesma coisa. Hoje em dia é escancarado que a própria polícia mantém o PCC, a cocaína, as armas. Afinal, o tráfico de armas é trabalhado por quem? Quem é que compra? Então, quando rompe alguma coisa, é porque romperam muitas coisas. Porque alguma coisa rompeu no sistema. Na realidade, quando o PCC fala, ele não fala hora nenhuma que ele quer sair, que ele comanda fuga. E aí é que nós ficamos com medo, porque o que ele mostrou é que: "Nós existimos e se realmente quisermos romper essa cidade sitiada, essa cidade cheia de bolhas, a gente rompe". Foi esse o grande medo, que aquele lado que parecia excluído, que é a periferia, aquele lado não acontece lá longe. Não, acontece aqui. Então, exatamente, eles mostraram que têm poder e o que podem fazer.





Contrafilé: Até que não se explicita, não se pode transformar; ou seja, até que não esteja explícito, não existe uma transformação possível.

Maurinete: Mas aí é que está. O que a gente precisa saber é que não é só o nosso discurso, é como estamos estruturados, é como a cidade é construída. Veja bem a questão do PCC, por mais que a gente queira, a gente não consegue derrubar coisas mínimas, como "não construir prisão". Você vai para as cidades interioranas e a primeira coisa constando é a prisão, e prisão, e prisão. E não conseguimos trabalhar com outra alternativa. Você denuncia, mas não consegue romper. É tão eficiente que o aparato continua o mesmo. Então, revelar é uma forma possível de romper com essa hipocrisia, mas não sei se com isso conseguimos transformar as estruturas.

Suely: Eu concordo com você, que não adianta lutar só em relação às coisas que já estão organizadas em nós mesmos e nos lugares onde vamos intervir. Temos que lutar da mesma maneira que o sistema, que leva em conta como nosso próprio comportamento vai sendo tomado e estruturado nessa história. Para mim, esse tipo de luta, é a luta que me interessa e sempre me interessou, desde pequena. O que eu estou sentindo é que está havendo uma nova maneira de nos confinar fisicamente. A gente está sendo impedida de pensar e atuar, e de uma maneira nova do que vinha acontecendo até agora. O que eu estou sentindo é que está vindo uma maneira nova de confinar a possibilidade de ação e de criação. Uma maneira diferente de ditadura,

diferente do que a gente discutiu agora há pouco. E isso é o que para mim está difícil de entender, de me situar direito.

Conceição: Eu não sei se hoje eu estou nos meus melhores dias, mas eu acho que talvez calhe com essa coisa do confinamento.

Suely: Nenhuma de nós está nos melhores dias por causa disso.

[Risos]

Conceição: Hoje, eu tinha toda a esperança de que a AMAR tinha conseguido um apoio no Fundo Brasil de Direitos Humanos, que foi criado, pensado por uns amigos nossos. A gente mandou um projeto porque o fundo tem tudo a ver com a nossa luta, de entidades que tem toda essa perseguição, mas não conseguimos apoio. E aí, é a coisa do confinamento. Desde pequena me incomodava essa situação de exclusão. Com 12 anos eu não acreditava que sabia ler e escrever e meus colegas não. E fomos criados na mesma terra, uma cidade lá na Bahia. Aí, eu começo a lutar para fazer com que eles aprendam, nem que seja eu repassando meu próprio saber. Um dia, sou expulsa por causa disso.

Suely: Você foi expulsa da escola nessa época?

Conceição: Não. Naquela época, imagina, poucas pessoas iam para a escola, mulheres principalmente; porque filha mulher, quando o pai colocava para





estudar, é porque ela ia escrever, ia se prostituir, escrever carta para os namorados. As mulheres não eram para ser educadas. Mas meu pai, que não teve nenhuma condição de estudo, via com bons olhos os filhos dos fazendeiros indo para Salvador para se formar. Quando ele casou e nós nascemos, ele tinha uma idéia de que fossemos alfabetizados, já que ele não tinha nenhum recurso para nos deixar. E todo mundo massacrava meu pai por isso, a própria família. Tinha todo um preconceito. Apesar disso, resolvi ensinar a ler e escrever aquelas crianças que eram da mesma idade que eu. Tinha uma casa grande na fazenda que tinha uma biblioteca, a coisa mais linda, a estante cheia de livros, com cadeiras, mesa. E estava lá fechada sabe Deus porque. Então, abri a porta da biblioteca para dar aula lá. Passou um tempo, os meninos aprendendo...

Suely: E o fazendeiro não sabia que você estava ocupando?

Conceição: Não sabia. E quando descobriu, ficou muito nervoso. E me expulsou.

Suely: Da fazenda?

Conceição: Da biblioteca. Não me expulsou da fazenda porque meu pai já morava há muitos anos lá. Mas a minha família ficou muito triste. E o fazendeiro me olhava com tanto ódio, que achei que ia me matar com o olhar dele. Mas achava que estava totalmente errado, eu não estava fazendo nada de mais. Imagina! Estava lá ensinando os meninos, coisa

lógica da vida, mais do que ótimo. Aí, meu pai me aconselhou: "Fica aqui na casinha da gente". "Como, se aqui não tem nada? Aqui nem tem cadeira". Passou um vereador lá no momento que eu estava ensinando. Chamou meu pai para saber o que era aquilo. Meu pai explicou, ele achou aquilo fantástico e quis conversar comigo. Na hora meu pai mandou me buscar em casa. Quando o vereador perguntou e falei o que era, o que sentia, como era aquilo, comecei a chorar, porque estava muito ofendida. Mas ele falou: "Mas está certo, a fazenda é dele, a casa é dele, você não pediu para fazer isso. Vamos fazer o seguinte: seu pai vai construindo uma salinha, uma escolinha para você; e eu vou manter a escola, todos os materiais necessários, carteira, tudo o que precisa. E você passa a ter um salário pela Prefeitura".

Suely: E o fazendeiro viu a escolinha?

Conceição: Viu.

Suely: Aí, ele falou que na fazenda dele tem escola.

Contrafilé: Responsabilidade social!

[Risos]

Conceição: Casei, vim embora para São Paulo, e aí começa outra história: meu filho caçula se envolve com drogas. Eu começo uma luta de saber o porquê, que diabo é aquilo, que coisa grave descobrir que o seu filho está usando drogas. No primeiro mo-

mento, eu queria me esconder; aí comecei a perceber que não era escondendo que ia resolver. Então, fui buscar ajuda. Mas onde? Com quem? A resposta sempre era: "Não dá, só se ele quiser". Aí, chegou um momento que a gente não conseguiu mais pagar os traficantes. "Ou paga, ou morre". E a polícia, que a gente conhece também, nem levava ele preso mais, não queria, queria fazer acerto para pegar dinheiro. E nós fizemos muitos acertos. Eu sempre falava: "Se não tiver um lugar para ele se tratar, ele vai matar ou morrer". Nesse momento, não tem como perguntar se ele quer se tratar. Ele vai preso e acabou. E sem muita voz, sem muito conhecimento, eu comecei a estudar tudo que tinha relação com as drogas, explorar tudo, jornal, televisão, eu começava a "comer" tudo, eu tinha que encontrar uma saída. Meus filhos pararam de estudar, entraram todos em uma depressão muito grande, com muita vergonha de sair na rua, de ir para o colégio. Eu disse que não era para ter vergonha. E aquela casa que antes era cheia de amigos, todo mundo caiu fora, fiquei eu dentro da minha casa com meus 5 filhos. E com a minha tristeza e o nosso choro, sem saber que caminho a gente poderia tomar. Caímos em um buraco negro, num saco sem fundo. Aí, ele começou a roubar carro, outra realidade. É aí quando ele vai para a FEBEM, que para mim era uma coisa muito distante. E quando eu me deparei com aquilo, eu percebo que de bem-estar não tem nada; o mal-estar é total. Nessa situação a gente morre. Quando ele foi para a FEBEM, a polícia che-

gou na minha casa, daquela forma agressiva, pensando que todo mundo era bandido, que tinha arma e droga lá. E depois dele passar na delegacia, no IML e no SOS¹¹ para entrar na FEBEM, uma assistente social me liga. Pensei: "Acho que essa fundação deve prestar; tem uma assistente social, deve ter pessoas capacitadas que possam resolver esse dilema". Até me animei um pouco, porque estava muito triste. Tem prisão, tem algema, delegacia, e eu que nunca tinha entrado em uma delegacia! Mas enfim, pensava que algo novo estava surgindo. Foi quando eu me deparei com a primeira visita, na Unidade da Imigrantes, aquele campo de concentração, com aproximadamente 900 meninos confinados em uma sala para 100...Os pais estavam em um salão e chamavam eles pelo nome, vinham de mãozinha para trás. Não pode olhar para cima, nem virar a cabeça para trás. Cabeça raspada, aquele moletom, aquela camiseta que era curta e o moletom comprido. Era tudo errado. Uma escova de dente que era para ser descartável, de péssima qualidade, pendurada no pescoço. Era a única coisa que eles tinham direito, a escova e uma caneca horrível de plástico. Eram os "pertences" deles. Quando eu vi o meu filho naquela situação, eu já, opa! Foi um choque.

Maurinete: Bem-estar do menor...

Conceição: Eu pensei: "Que coisa é essa?!" Ele veio e já começou a chorar. Eu vi muitos meninos chorando e muitas mães chorando. Ele falou: "Aqui

11 SOS Criança é um serviço ligado à estrutura da FEBEM, uma unidade de recepção e encaminhamento de crianças e adolescentes carentes e abandonados.

é terrível mãe! Aqui eles batem para valer, tem drogas, para você saber". Eu disse: "Não, meu filho, você precisa se tratar, ser curado dessa maldição". "Aqui tem droga, aqui tem tudo, aqui não vai mudar nada na minha história e eu só vou sofrer mais ainda aqui dentro. Se lá fora é ruim, aqui dentro é muito pior, tem de tudo que você possa pensar". Na hora da saída, que eu queria abraçar, e ele com a camisetinha grudada. Eu queria olhar, ver se ele estava machucado, mania de mãe né?! E ele não me deixava, dizia que eu não podia. Porque tinha lá as normas deles, as leis. E quando eu ia sair dali, quase que ele não me larga de chorar, agarrado comigo, quase que eu não consigo ir embora. E saíam as mães chorando bastante também. Eu comecei a querer entender. Porque todo mundo chorava se era bem-estar? Todo mundo sai chorando? Aquele desespero. Eu tentei conversar com algumas mães, e elas não queriam falar muito. Eu queria falar do meu filho e queria saber de mais alguém. Duas ou três falaram: "Ah, é a primeira vez?" Eu falei: "É". Ela falou: "Não se preocupe não, você vai acostumando". "Mas, como?!" Ela falou: "O meu, já é a segunda vez, e aqui o pau come mesmo." "Batem?" "Batem." E eu falei: "Mas não pode." "Como não pode? Você vai fazer o quê?" "Meu filho não está aqui para apanhar. Então, de verdade ele apanhou?" "Aí, fui procurar uma conselheira tutelar¹². "Olha, eu encontrei essa situação naquela fundação, o que a gente faz?" Ela

12 O conselho tutelar é um órgão criado depois do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Teoricamente, são fiscalizadores dos equipamentos de proteção à criança e ao adolescente. Cada região tem um conselho tutelar com cinco representantes.

falou: "Imagina! O que você quer fazer?" Eu falei: "Eu quero fazer alguma coisa para mudar". Ela falou: "Você é louca? Quem é você para querer mudar a FEBEM? A FEBEM é uma soberania. Você acha que algumas pessoas já não tentaram mudar? É assim mesmo. Ninguém muda". Eu achei aquilo tão ruim, ela falar assim. Mas eu falei: "Não, mas eu não vou desistir". E fui embora. Fazer o quê eu não sabia. Mas já que batia, eu precisava ver. Então, eu ia quase todos os dias para a porta da FEBEM, para ver o meu filho e chorar também. E eu terminava vendo. A pessoa terminava deixando eu entrar para ver, brigando comigo, me chamando a atenção, mas eu não ia embora, ficava lá sentada o dia todo e acho que aquilo incomodava, aquela mulher sentada chorando o dia inteiro ali. Eu falava que eu não ia embora, eu fico aqui, eu acampo aqui, mas eu não vou embora. Enquanto eu não ver, eu não saio. Eles me deixavam ver meu filho por 5, 10 minutos e eu ia embora. Isso incomodou tanto que ele foi transferido. Quando ele foi transferido para o Tatuapé, caiu em uma unidade que tinha uma equipe e um diretor mais humanos, com um posicionamento melhor. Lá, nós formamos grupos de famílias e podíamos inventar trabalhos artesanais com os meninos, comidas, oficina de pão, coxinha. A gente inventava mil e uma coisas. Naquele momento, era para ficar mais perto dos filhos, para garantir a integridade, porque nós éramos olheiras, estávamos de qualquer forma muito atentas à violência que existia nas outras unidades. E esse diretor, por causa disso, começou a ser perseguido para ir embora. E nesse momento é obrigado a sair. Aí, a gente se



organiza, um grupo de mães, para brigar para que ele não saia. Fomos até o fórum e mandaram a gente conversar com o presidente da FEBEM, e nós fomos. Começamos a reivindicar para que ele não saísse. Mas era uma coisa que já estava decidida pela instituição, porque ele também estava atrapalhando a tortura, assim como nós. No Tatuapé, naquela época, deveria ter 10 ou 12 unidades aproximadamente, depois chegou a mais de 20. Nós, as mulheres que trilhavam durante a semana dentro do complexo, víamos muita coisa, víamos o movimento, muitas vezes espancamento da polícia contra os meninos. Uma vez, eu entrei no meio da polícia para tirar um menino que estava sendo espancado. Foi aí que eles intercederam contra este diretor. Porque, imagina, estava levando pessoas para ver o que acontecia nessa instituição e incentivando a luta para acabar com o espancamento na FEBEM. E era isso que nós queríamos. E no meio do desespero daquelas mães, eu falei que não estava mais preocupada com meu filho, não estava preocupada com o diretor que estava saindo, achava ele um excelente profissional que ia encontrar um emprego em qualquer lugar. Estava preocupada em mudar o futuro da FEBEM. Este diretor nos chamou para uma última reunião e disse que nós não sabíamos o poder da nossa organização, que a gente tinha muita força, um potencial muito grande. A gente começa aí a luta para se capacitar. Tinha a questão da droga, do tratamento, mas eu percebo outra coisa ali, mais emergencial, de desespero de muita gente junta. E começamos a tentar entender os porquês que levam o filho para as drogas. O que faltou? Porque

faltou? Aí, começamos a fazer essas reuniões para discutir, no começo na unidade, e depois nas ruas, na praça, na frente da FEBEM. Era um grupo de muito desespero, a dor era muito coletiva, de todas as mães, e nós não tínhamos confiança de falar sobre isso com ninguém, e não tínhamos o apoio nem das famílias nem dos amigos. Todo mundo falava: “Ah, mas seu filho merece isso mesmo”. Quando os meninos entram na FEBEM, as famílias ficam muito envergonhadas. A dor já era muito grande, já deixava paralisada. E ver o outro criticar e olhar então... Era uma dor muito nossa. Mas entre nós, começamos a perceber que podíamos falar algumas coisas, mas nem tudo. Porque tem aquela coisa de esconder: “O meu filho, ele foi preso, mas ele não sabia o que estava fazendo”. “O meu filho, só foi porque era o único que podia dirigir”. “Ele foi porque precisava muito do dinheiro”. Eram várias formas de não mostrar de fato a realidade, de esconder aquela dor, de se proteger. Mas com o tempo, a gente começava a se agregar, porque as histórias eram muito parecidas, todas eram da mesma cor, moravam nas mesmas regiões afastadas, nas mesmas pobreza, passavam pelas mesmas dificuldades, e querendo mostrar uma outra coisa que não era verdade, que era irreal. Então, eu começo a perceber que todas tinham esta mesma forma de pensar, de esconder, de não querer mostrar a realidade. E com isso, fica mais frágil, querer mostrar aquilo que eu não sou, não tenho. E como eu ia falar para elas que não era assim? Comecei a falar das dificuldades que eu passei. “Olha, eu não me envergonho, fui para a rua catar papel e me sinto muito honrada por

isso”. Meus filhos choravam quando eu falava essas coisas, porque eles não queriam admitir. E as mães também não gostavam. Mas comecei a mostrar a minha cara mesmo, porque sabia que não merecia isso. Merecia um emprego melhor, me preparei para isso, mas fui para a rua, lutei para sair da rua, e isso me valorizou. Então, tentei começar a fazer isso, essa história com eles, com o que estava no meu entorno, para mostrar que o meu valor é muito maior. Elas estavam muito incompreendidas. É essa coisa do ter, do poder. E então, nasceu a AMAR, questionando o fato de cada mãe ficar muito voltada para dentro do seu eu, do seu filho, preocupada em se proteger e proteger o seu filho. E é quando eu falo que eu não estou mais preocupada com o meu filho, estou preocupada com o coletivo, com mudar aquela estrutura. Porque o meu ia passar, mas e os outros? E esta violência, esta humilhação? Quando meu filho quebrou os calcanhares e ficou internado, o pessoal do hospital tratava como bandido. Em uma rebelião, ele caiu do alambrado e destruiu os dois calcanhares. Ficou internado 3 dias sem eu saber. Quem me avisou foi uma evangélica, que disse que ele estava abandonado em uma maca do hospital Tatuapé. Eu fui até lá, fui para ser humilhada pela técnica, pela assistente social que dizia que eu não podia entrar, que meu filho com os dois pés quebrados tinha tentado fugir do hospital. Eu achei aquilo ridículo, porque ninguém com os dois pés quebrados tentaria fuga. E foi aquela guerra para pegar autorização. Consegui vê-lo e ele realmente estava numa situação terrível. Até que um dia descubro que o

artigo 12 do ECA¹³ garante a presença dos familiares por tempo integral com crianças e adolescentes. Aviso uma mãe que está com o filho na mesma situação, com tuberculose no hospital, para que vá ao fórum e garanta aquele artigo. Ela vai, pede e garante. Fica dentro do hospital. Aí, a gente faz valer o nosso direito. E através daquele entendimento, eu achei que tínhamos o direito de fiscalizar.

Contrafilé: Em que ano foi isso?

Conceição: O movimento iniciou-se em 98, mas só em 99 nós conseguimos ter a associação registrada em cartório. Aí, começa a nossa luta por sobrevivência, para manter o trabalho que era denunciar, ficar no meio das rebeliões. Tinha rebelião, a gente entrava para acalmar os meninos, não deixar a tropa de choque entrar, não deixar os funcionários baterem. E fomos nos tornando referência. Quando tinham problemas, por exemplo, e eles não queriam chamar o pelotão de choque, éramos nós que entrávamos. Eu era chamada pela própria FEBEM. “Oi, Dona Conceição, os meninos estão tudo em cima dos telhados”. E eles mesmos mandavam buscar a gente, então ficávamos sempre ali, as mães conversadas. Uma ligava para a outra, a gente se encontrava, ia aquele grupo e a gente tomava conta. Aí, não precisava ninguém entrar para dar espanco. E os meninos também não agrediam, desciam do telhado e pronto. E assim ficou por algum tempo, a gente tentando fazer esse diálogo; e junto com esse

¹³ Estatuto da Criança e do Adolescente, vigente desde 13 de julho de 1990.



diálogo, aquelas lutas para que mudasse realmente a FEBEM. Fomos nos aperfeiçoando conforme a lei, conforme as reuniões também. Todas as reuniões, tudo sobre a criança e o adolescente eu estava lá.

Contrafilé: Eu queria perguntar em que momento começa a “demonização”. Quando vocês começam a aparecer nos jornais como “agentes externos que incitam rebeliões”?

Contrafilé: É no momento em que começam as denúncias sobre tortura na FEBEM?

Conceição: As denúncias nascem com a AMAR desde o início, o movimento de mães já nasce denunciando espancamento, mas nós denunciávamos direto para a FEBEM, porque conseguíamos essa abertura de entrar. Quando essa possibilidade vai se fechando, nós temos que encontrar outros espaços de denúncia. Nos juntamos ao Ministério Público e a uma parte da imprensa, que foi fundamental na nossa vida. Essa acusação de que somos “agentes externos que incitam rebeliões” é mais recente e tem a ver com o confinamento. O que a FEBEM fez foi tentar me chamar de todas as formas para fazer parceria, para trabalhar junto, mas eu não podia trabalhar para eles, eu tinha que ser independente. E conforme a gente foi ganhando cada dia mais espaço, a FEBEM foi se fechando para nós. Até que chegou um momento em que já não entrávamos mais e o trabalho ficou só do lado de fora, nos arredores. Mas eu nunca deixei de denunciar.





Ato contra a tortura - organizado anualmente pela AMAR - vivido como uma festa infantil, em parceria com o Contrafilé; Pátio do Colégio, São Paulo, em 04 de outubro de 2006.





Manifestante mostra cartaz com pergunta para a presidente da Febem em ato em frente à Secretaria de Estado da Justiça, no centro

Febem é alvo de protesto em São Paulo

Manifestantes cobraram explicação para mortes de internos e reclamaram de maus-tratos

AFRA BALAZINA

DA REPORTAGEM LOCAL

Entidades de direitos humanos, ex-internos e familiares de internos protestaram ontem em frente à Secretaria de Estado da Justiça, no centro de São Paulo, contra a Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor).

Segundo os manifestantes, foram registradas 27 mortes de jovens internos da Febem nos últimos três anos em condições não esclarecidas. Eles dizem suspeitar que foram em decorrência de maus-tratos e acusam a entidade de não garantir a integridade fi-

sica dos internos. Durante o ato, do qual participaram 23 entidades, foi pedido o afastamento da presidente da fundação, Berenice Maria Gianella.

"No dia 26 [próxima quarta-feira], a fundação completa 30 anos. E estamos cansados de ver maus-tratos contra os jovens", disse Ariel de Castro Alves, da coordenação do Movimento Nacional de Direitos Humanos.

A assessoria de imprensa da Febem disse ontem que as mortes estão sendo investigadas pela Polícia Civil e pela Corregedoria da instituição. A apuração ainda não foi concluída. A fundação

não comentou o pedido de afastamento da sua presidente.

Solange de Moura Queiroz, que teve um filho interno no Tatuapé morto em 2004, esteve na manifestação. "Após denunciar os funcionários que o espancaram na Vila Maria, meu filho apareceu queimando no Tatuapé, como uma tocha humana", contou. Segundo ela, o garoto foi socorrido por outros internos. "Lutou 17 dias no hospital, estava com 70% do corpo queimado e morreu. Dizem que foi suicídio, mas sei que não é verdade."

O grupo fez um minuto de silêncio ao meio-dia em homena-

gem aos internos mortos, e 27 balões pretos foram soltos em sinal de luto. Em frente ao prédio da secretaria, foram colocados bonecos para representar internos que teriam sido torturados nas unidades. Até o monumento Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo, em frente ao Pátio do Colégio, foi parcialmente coberto por cartazes.

Essa gestão é a mais autoritária que enfrentamos. Não há diálogo com as entidades e não podemos entrar nas unidades para verificar as denúncias. Berenice quer implantar o sistema penal juvenil na Febem", diz Alves.



NOVAS DENÚNCIAS

Febem acusada de maus-tratos

► Parentes de internos denunciam espancamentos e humilhações na unidade de Bauru. Presidente da Fundação diz que está apurando o caso

BÁRBARA SOUZA

► No dia em que mães comemoraram a condenação de 14 funcionários da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) a penas de até 87 anos de prisão por tortura, novas graves denúncias de maus-tratos cometidos por servidores chegaram à Secretaria da Jus-

tiça ontem.

Parentes de internos e educadoras da Febem de Bauru, no Interior, fizeram um relato assustador: Há denúncias de espancamento e humilhações, como obrigar internos a andarem nus e imitar cães.

Os relatos foram feitos a membros do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Hu-

mana (Condepe) e levados à Secretária da Justiça, Eunice Prudente. A Febem é subordinada a essa pasta. O representante do Condepe, Ariel de Castro Alves, vai levar as denúncias ao procurador-geral de Justiça, Rodrigo Pinho, e pedir a designação de um promotor especialmente para o caso.

"Levaram meu moleque pro castigo. Bateram tanto no meu moleque que ele chegou a urinar sangue", diz o comerciante Silas Aparecido Moreira, pai de um interno de 18 anos, na Febem de Bauru há 9 meses.

Segundo Moreira, o filho le-

vou socos e pontapés na região dos rins e no rosto, no dia 7 de setembro. E só foi levado ao pronto-socorro três semanas depois. "Ele está sofrendo represália." Segundo ele, outros 25 internos foram castigados.

A presidente da Febem, Berenice Giannella, informou que só tomou conhecimento das denúncias ontem, por meio da cópia de um relatório encaminhado à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Mas reconheceu a gravidade das denúncias. "Estamos examinando a situação para saber que medidas vamos tomar", disse.



MÃES comemoram condenação de 14 funcionários por tortura



CRIMINALIZAÇÃO E TORTURA

Nas últimas ditaduras, a prática da tortura vinha afirmar o terrorismo de Estado¹⁴. Alguns torturados eram propositadamente liberados com a finalidade de que o medo de resistir se espalhasse. Hoje em dia, o Estado tortura e libera constantemente. Então, como entender hoje a tortura?

Pensar a tortura hoje, não simplesmente como “um fato a ser denunciado”, é todo um desafio; rapidamente quando se tenta pensar o que organiza a tortura, surgem respostas como “a tortura sempre existiu”. Mas, justamente, este seria um ponto de partida e não de chegada. Porque o Estado continua torturando? Quais são as formas de tortura que se desenvolvem? Como é possível imaginarmos que vivendo em uma sociedade em que a tortura é tão arraigada e legitimada, ela não nos atinja?

Nas zonas mais pobres, o encontro com o Estado, quando este se presentifica, acontece com toda a sua força repressiva e confinatória; onde teria que distribuir equidade aplicando justiça demonstra negação total através de seu poder de humilhação, negando às pessoas o direito de existência.

¹⁴ Desde as ditaduras latino-americanas da segunda metade do século XX, a prática da tortura foi direcionada e aperfeiçoada pelos EUA através da Escola das Américas.
<http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-64921-2006-03-30.html>
<http://www.madres.org/>;
http://www.serpaj-ar.com.ar/spip/rubrique.php3?id_rubrique=2
<http://mx.geocities.com/sansanrpc/info.htm#soaw>



Contrafilé: Como se organiza a dor de quem é torturado hoje na prisão?

Contrafilé: Esta é uma dúvida minha também. Porque há uma diferença muito grande destes presos em relação aos companheiros que foram torturados nos anos 70. Porque apesar da dor, os presos políticos tinham um suporte ideológico que de alguma forma lhes permitia agarrar-se a essa identidade, tinham onde se segurar. Mas um menino da favela, quando o pegam e torturam, e na maioria das vezes ele sente tudo aquilo como imensamente desproporcional ao que fez, onde se apegar esse menino? Não tem onde se apegar, não tem uma identidade pela qual está sendo torturado. Até tem, mas não é uma construção consciente de um lugar ideológico. Então, nem sabem porque estão sendo torturados. Nos anos 70 torturavam porque queriam informações, ou seja, as pessoas torturadas tinham, em última instância, um poder para negociar a sua tortura, uma possibilidade de intercâmbio de poder. Mas o que a polícia busca torturando estes meninos? E o Estado, permitindo essa tortura? Já não é desarmar um inimigo, uma sombra do comunismo. Isso me perturba muito.

Maurinete: O que se busca é destruir a potência juvenil e no lugar instaurar o ódio e a idéia de que existe um inimigo, um suspeito. É isso que o sistema não percebe. Fazem tudo isso com esses meninos e eles saem uma loucura, matando quem encontram

na rua, pelo chinelo, pelo tênis. A vida se banaliza. É essa a história. Às vezes eu fico pensando que se começássemos retirando desses meninos o olhar de suspeita em todo o lugar em que eles vão, já estaríamos melhorando essa sociedade.

Conceição: É isso que eu tenho falado, que a tortura, isso de maltratar, que é a negação da própria vida, transforma as pessoas em um ser tão pior, tão mais violento, com tanto ódio, que quando sai dali de dentro, ataca o primeiro que aparecer porque quer se vingar. Eu cansei de ver esse olhar de ódio. Uma das coisas que me traumatizou bastante foi quando falei para os meninos, depois de um momento de muita violência e espancamento, que eu não sabia como é que eles suportavam aquilo, e um deles me disse que dão dois trancos na perna jogando assim o joelho, enrijecem o corpo e podem bater à vontade que não sentem mais dor. Isso é uma gravidade muito grande, eu preparo meu corpo para receber o espancamento, a tortura e assim não sinto mais essa dor... Acabo não me importando com a própria vida...

Maurinete: E quantas vezes o cara não é preso por uma banalidade...

Conceição: E cadê essa sociedade que vai pagar?

Contrafilé: Aí, não vai ter condomínio, câmera de vigilância que vai sobreviver..

Suely: Tem pessoas que têm tamanho preconceito



de classe e ódio de pobre, uma visão tão enraizada de que pobre não é gente, que é para socar e matar, que não serve para nada... No Brasil, adolescente de classe média pode “testar limites” comendo a empregada, batendo na prostituta, queimando índio. É como se esse “outro” não tivesse resistência alguma, fosse, e acaba sendo, só uma imagem...

Maurinete: Eu não sei se é assim em todos os países ou se vem da escravidão. Sei lá de onde vem. Mas é o dia-a-dia. A tortura veio à tona exatamente quando chegou aos setores da classe média. Agora, o grande problema é que houve um deslocamento, porque ela ficou muito efetiva. Na queda da ditadura, continuou como um eixo muito forte e coisas terríveis como o pau-de-arara, foram transferidas virando uma cultura.

Suely: Ah, porque o pau-de-arara não era usado?

Maurinete: Para o preso comum, não existiam essas técnicas. Era um pau mesmo e acabou. Essas técnicas conseguem se redefinir, me parece. E esse passa a ser um espaço muito específico.

Contrafilé: É verdade. Antes a tortura era mais diluída na lógica opressora; nesse momento, passa a ser uma construção de especialistas.

Conceição: A tortura certamente vai se aperfeiçoando e percebi isso claramente nestes anos de embate contra a tortura na FEBEM. No começo de 2003, houve várias mortes dos meninos lá dentro,

os meninos apareciam mortos, queimados, enforcados, com bala. Em 8 dias houve 12 mortes.

Suely: Quando vocês já não podiam mais entrar?

Conceição: Isso

Contrafilé: E essas coisas saíram na imprensa?

Conceição: Saíram. Foi a primeira vez que a gente foi para rua com um ato de denúncia. Eu já não conseguia mais trabalhar o sofrimento daquelas mães, porque eu era o único ponto de referência delas. Nesta época, meu filho já não estava mais na FEBEM, saiu em 2000. Aí, eu comecei a buscar uma forma de condenar o Estado por conta de toda essa barbárie, e quando eu quero condenar o Estado, além de todas as denúncias que eu fazia, passo a ser mais inimiga ainda do Estado. E eu que achava que o Estado era meu parceiro! Talvez esse seja o meu maior confinamento, minha maior angústia, quando eu descubro que eu não era bem vinda aos olhos do governador do Estado. E qual era a minha luta? De re-socialização, de recuperação desses filhos.

Maurinete: Você achava que estava colaborando...

Conceição: Sim, eu tinha certeza que eu era um “agente externo” muito bem vindo, porque eu buscava paz! Nunca busquei desarmonia, não trabalhava a favor nem contra governo nenhum. Por isso, nunca me uni a partido político. Me mantive neutra, minha causa é a criança e o adolescente, não vou carregar a bandeira de ninguém. Continuei



íntegra, nem para um lado, nem para o outro. Eu queria os filhos todos recuperados, que as mães pudessem dormir sossegadas; nós tínhamos que encontrar forma de recuperar, de evitar que os filhos entrassem lá. Aí, quando acontecem essas mortes, que nós vamos de cara para a rua, fazer protestos, levamos 12 caixões para deixar na porta do secretário, denunciamos fora do Brasil, e vêm várias cartas de pressão para o Governo do Estado, eles começam a me odiar, querer encontrar formas de me intimidar, de me fazer parar. Entra um secretário em 2005, o Alexandre de Moraes, e eu vou me apresentar e apresentar as denúncias das mães. Eu pedi para ele autorização para entrar e sair da FEBEM, qualquer dia e qualquer hora, para eu mostrar para ele qual era a barbárie da FEBEM. E ele permitiu. Eu disse: “Eu vou lhe provar o que acontece”. Então, teve um espancamento muito grande em janeiro de 2005. Na mesma hora eu liguei, falei com o diretor do complexo, e ele falou: “Mas a senhora vai fazer o que?”. “Eu vou agora ligar para a promotoria, vou tomar providências”. “Por que a senhora não espera? Vai ter uma mudança”. Quando eu entrei no pátio da FEBEM, 150 meninos estavam presos dentro das celas, e eu não ouvia um pássaro cantando. Eu pensei: “Meu Deus, os meninos estão mortos!” Aí, chamei uma mãe para ir comigo, porque eu não queria entrar sozinha. Eu gritei: “Sou eu, a Conceição, saiam na janela”. E nada. Eu entrei. Eles tinham apanhado bastante. O Dr. Alexandre tinha mandado ligar para ele, então liguei: “O que eu ia lhe provar está agora aqui”. Ele foi para lá. Foi com uma série de promotores, a secretária de

justiça. Quando ele viu aquilo, não tinha como não tomar providências, porque foi muito grave. Aí, ele chamou um delegado, porque ele ia atuar sobre os funcionários. Prendeu os funcionários. No outro dia, eu comecei a ser ameaçada de morte.

Suely: Eu queria saber se chegou a esse ponto.

Conceição: Começaram a fazer ameaças, perseguições, e a minha situação foi ficando insuportável.

Suely: Quando foi?

Conceição: Em 2005 foi quando a coisa se agravou mesmo. Porque quando havia denúncia, alguns eram afastados, mas depois se reintegravam de novo. Alguns foram mandados embora, mas eram grupos pequenos. Naquele dia foi um grupo grande, e na hora que estavam prendendo os funcionários dentro da unidade 41, na Vila Maria, arreventou uma grande rebelião no Tatuapé, provocada pelos funcionários. Aquilo virou um inferno. Nem o Alexandre tinha mais sossego, nem eu. Chegamos a ficar com escolta policial por um bom período e eu pedindo ajuda para o programa de proteção lá de Brasília. O processo de criminalização começa quando o governador Geraldo Alckmin se declara meu inimigo. Ele vai a uma coletiva de imprensa e diz que eu não ajudo, que eu só atrapalho. Eles me acusam de ser a incitadora de rebeliões, fugas. Iniciam um processo legal contra mim, ainda não estou respondendo, porque está em fase de inquérito.



Me ameaçaram, jogaram o carro em cima de mim, atiraram na minha casa. E quando aconteceu isso, não me intimidei, continuei a trabalhar. Mas no dia que eu fui intimada para depor na delegacia, me senti totalmente sem chão. Aí, se desencadeou essa situação difícil que estamos agora. Até porque a AMAR é criada por um grupo de mães que chora. Pela recuperação, pela dignidade mesmo. Não foi criada por um empresário ou por um parlamentar. São mulheres que choraram na porta da rebelião, e a gente sempre sofreu preconceito. Hoje, não moro mais na minha casa, estou com a vida bem mais limitada. Quando eu começo a aparecer, os telefonemas começam a aparecer também.

Maurinete: O movimento se oficializou como crime.

Conceição: Foi feito um movimento global de apoio. Vieram muitas cartas, dos direitos humanos do mundo inteiro, pressionando o Governo do Estado de São Paulo. Mas eles são ruins, eles respondiam que estavam dentro do processo legal, que eu tinha que ser investigada mesmo. E essas coisas me desanimaram. Hoje, eu faço um esforço muito grande para poder continuar atendendo as famílias. Mas eu não faço mais as visitas, não passo mais nas portas das unidades. As mães me pedem todo o dia para encontrar com elas no fim de semana, que a tortura está de vento em popa. E agora, eles mudaram o nome da FEBEM para CASA¹⁵, o que eu

15 Fundação Centro de Atendimento Sócioeducativo ao Adolescente.

acho um verdadeiro desaforo, não aceito; agora é “Fundação CASA”!

Sou totalmente contra esse negócio, porque a casa da gente é a nossa privacidade, é o nosso lugar de amor, de aconchego. Então agora eles estão “em casa?”. Não tem lugar melhor do que a nossa casa, e então como é que pode chamar um inferno daquele de casa? É preciso fazer alguma coisa.

Maurinete: Eu acho que você tem que irradiar isso para outros campos e meios, porque você não pode ficar desconhecida. Se bem neste momento que o Estado te criminaliza e ameaça, você recua, fica muito mais descoberta.



ENCONTRO COMO TRANSCENDÊNCIA

O reconhecimento da condição de confinamento implica em aceitar a presença de uma nova organização da repressão, na qual a soberania do Estado de torturar e matar ocupa distintos modos: mata em vida criminalizando e humilhando, transformando o que era oportunidade e direito em perigo. A criminalização, por sua vez, tem um poder cada vez maior de isolamento e imobilidade nesta sociedade baseada na produção e reprodução do "medo do outro".

Suely: Eu acho que o que paralisa é a humilhação.

Maurinete: É o medo de ser condenada.

Suely: É o medo, mas eu acho que é o medo de outra coisa, do buraco que está mais embaixo: de você estar fazendo uma coisa altamente digna e que te fortalece como pessoa e de que essa coisa digna vire o oposto, uma coisa indigna e condenável. E isso deixa a gente super frágil. Mas precisa poder mexer nisso, para poder ter a força da decisão para continuar.

Maurinete: Você achou que o Estado era irmão, que o Estado queria isso. Mas o Estado não quer. E isso começou quando você era bem pequena.

Conceição: Eles tentam abafar quando a gente quer lutar por um direito totalmente negado, pelo direito de quem não tem direito nenhum. Eles matam a gente, porque socialmente eles estão me matando.

Suely: Mas é essa a forma como matam, por isso a gente precisa conversar uns com os outros para não morrer. Porque eles matam transformando uma coisa que é altamente digna, em uma coisa totalmente humilhante. E dão o nome de terrorismo.

Maurinete: Mas você não morre quando percebe e entende que o sistema nunca quis isso. Porque você está dentro das leis, do direito à vida. Não está pedindo nada demais. Isso é que é doido! Você está lutando para o sistema continuar, não pede que termine a FEBEM, não pede que os meninos fujam. E aí,





o que acontece? E essa é a lógica do sistema. Em um primeiro momento, as mães choram, porque elas se sentem culpadas de terem criado o filho assim. Culpadas do filho ter ido para as drogas. Aí, têm que romper isso se perguntando “onde está a culpa?”. Iniciam o movimento, mas mesmo depois de tudo isso, ainda não conseguem romper completamente com a culpa. É como se você estivesse entrando naquele primeiro momento de novo: todo mundo mora na mesma rua, o filho vai para a FEBEM, todo mundo fica com medo e vergonha. Por isso que a criminalização é tão eficiente. Novamente você começa a ficar acuada, envergonhada pela punição que vai ser aplicada.

Conceição: E aí, o que acontece? Todas as portas que podem dar condições para a gente continuar o trabalho, vão se fechando. Então, você começa a perceber que a mão do Estado é muito pesada e que as pessoas estão ao redor dessa hipocrisia. Daqui a pouco, a gente vira lenda. Hoje, eu ainda consigo estar com dois espaços de trabalho, capengando mesmo, sem telefone, sem nada. Tudo hoje me leva a crer que não é possível.

Suely: E mesmo que a consciência saiba que é, tem uma coisa que paralisa e enfraquece completamente, a gente se sente um bosta.

Contrafilé: E quanto mais forte você é, mais violenta é a submissão. Isso me lembra o que é chamado de reintegração social pelo Estado. Os caras que saem da prisão e são considerados reintegrados,

são aqueles que andam com a cabeça baixa, não olham no olho de ninguém, normalmente viram evangélicos, com a mão para trás, submissos. Então, a idéia de re-integração social é...

Contrafilé: Confinar. “Eu fiz por merecer, eu sou o culpado, eu fiz por merecer.”

Conceição: Outra coisa que eu pude ter certeza, e posso dizer claramente hoje, é que sou uma pessoa adoecida por esse sistema. Se eu não estivesse ligada a pessoas de valor, estava na cadeia. Querem me anular de vez. Me isolei, lembro de momentos em que não queria falar com ninguém. Fui embora, saí de circulação.

Maurinete: Mas esse isolamento é uma estratégia, porque tem momentos em que você não pode se enrolar de bobeira. Então, aparentemente você faz um recuo para então retornar. Você tem que entender que é você que tem o poder. É como se você tivesse uma bomba o tempo todo para estourar, que se cair no colo do Estado vai obrigá-lo a mostrar como é estruturado o sistema. E tem muita gente que não quer isso. Em outros momentos teriam te matado, como hoje não podem, por você ser conhecida, te criminalizam. As pessoas vão ao seu encontro porque você tem um potencial muito forte, você foi inteligente demais para fazer essas ramificações, como você disse, você tem uma bolsa-salário, tem organismos internacionais ao seu lado, então o Estado não pode desaparecer com você como faz com outras pessoas, não pode mais te exterminar.



O medo existe, realmente todo mundo tem medo, é concreto, mas você não deve se deixar paralisar.

Conceição: Você acha que isso tem cura hoje em dia na minha vida?

Suely: Não tem. Quem está nessas coisas, nunca tem cura. Eu acho que aí também a gente precisa entender. Para quem entra nessas coisas, existe o medo, e o medo é permanente.

Contrafilé: Uma pergunta seria como a gente sai desse isolamento entre os diversos movimentos. Será que assim o medo não vai diminuindo? Porque tem muito do que você está falando que tem a ver com a Suely, reverbera dentro dela, dentro da Mauri, na gente do Contrafilé. E um dos grandes problemas dos movimentos é que ficam isolados. “O movimento da FEBEM”, as “crianças da FEBEM”. Aí não reverbera socialmente.

Maurinete: Exatamente. Na Frente 3 de Fevereiro, a grande dificuldade é entender que todas essas coisas são estruturais, não são conjunturais. E o Estado de Direito tem os seus limites em relação a essas coisas das quais estamos falando, que representam uma re-estruturação, uma revolução mesmo, no radical, na maneira de você ver o outro, é uma outra construção de sociedade. Para mim, o que desgasta é essa condição limitada da luta dentro do Estado de Direito. Mas eu acho que esse é o momento de se apropriar do próprio saber e desvendar porque essas coisas acontecem, e esse é um potencial

muito forte. E é por isso que a gente está aqui. Não basta mais só o fazer; o fazer tem que nos ajudar a entender porque isso está funcionando assim para inscrever também este entendimento. Acho que tem vários estágios da luta. Tem muitos momentos em que a gente ainda não tem respostas. Acho que é essa a minha angústia, saber onde ficar, onde me colocar nestes momentos. É importante se posicionar direito, porque cada vez mais as coisas vão sair dos anônimos e não dos heróis. Serão várias Suelys, várias Maurinetes, várias Conceições.

Suely: Eu conheço profundamente a fragilidade que a Conceição ficou, e sinto isso como uma coisa totalmente comum entre a gente. E aí também tem um trabalho de descobrir onde que essa fragilidade ecoa, onde essa humilhação ressoa na história de cada um. Porque a humilhação tem sido, sistematicamente, uma estratégia do poder para cancelar os movimentos de ampliação. No começo, eu estava tentando entender o que estou sentindo, e a Conceição me ajudou. É humilhação mesmo. E hoje, a humilhação está chegando de outro jeito não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Na França, por exemplo. Lá, a televisão tem muitos programas de falação. Antes, tinha gente de movimento, gente de direita, de esquerda, todo mundo discutindo. Hoje, você olha esses programas e está todo mundo falando a partir da ordem estabelecida. E sempre tem um ou dois, que são sempre os que estão verdadeiramente pensando e fazendo política, que não são atacados, ninguém vai chegar e dizer: “A Conceição é criminosa”, “A Suely é criminosa”. Não. “A Conceição é



gracinha" e, olha que ridículo, que jeito mais antigo e ultrapassado de dizer as coisas. É humilhante, mas é uma humilhação que está usando outras estratégias. Neste caso, absorve e não ataca. É diferente do que a Conceição está contando. Mas o que eu quero dizer é para pensarmos quando a humilhação acontece com cada um, e vai bater na memória de sei lá que outra experiência, o que torna a gente mais impotente e frágil e a gente não consegue sair desse ciclo, até para poder pensar sobre isso, como estamos pensando agora. O que eu vejo de situação comum aqui é isso, que não depende de qual tipo de batalha que cada um está levando adiante, da encaenação de cada um ou da história de cada um. Eu sinto essas formas de humilhação como um elemento totalmente comum que vai deixando a gente nesse Estado de Confinamento.

Conceição: Eu já cheguei a pensar qual o saldo depois de tudo isso, o que eu estou fazendo, porque eu não continuei lá com a vida que eu tinha... Trabalhava, cuidava da minha casa. Eu saí para um outro papel, mas me pergunto: Será que eu tinha o direito mesmo? Quem sou eu? Tanta gente aí que poderia fazer isso, que tem poder, tem dinheiro. E agora eu, com vários processos criminais. Isso é muito dolorido! O que eu fiz da minha vida? Mas não vou parar. Tem dias que eu fico para baixo, mas quando eu olho isso tudo, eu falo: "Eu não vou parar, vou continuar, mesmo não podendo mais entrar para ver os meninos". Meu Deus, mas por que tanto confinamento?

Contrafilé: Essa pergunta da Conceição eu achei muito boa. Mas por que tanto confinamento? Por que tanta dificuldade de movimento, de se mover, de vida? Por que as pessoas se identificam mais com a morte? A vida é a relação com o outro, se diluir no outro, se diluir em você mesmo, no mundo, nesse mundo que a gente está vivendo.

Contrafilé: E a gente vai se relacionando só com os parecidos, com quem está próximo. É tão difícil se relacionar com o outro que mora lá longe, com outra história, com outro tema, com uma outra experiência. Eu tenho a sensação de que isso é um confinamento absurdo.

Maurinete: A gente vai criando isso, essas amarras são muito fortes. Porque é muito difícil conviver, conviver mesmo. E é isso também o que cria várias formas de confinamento. Por isso, precisamos primeiro entender os nossos confinamentos internos, o que nos paralisa.

Suely: Mas esse confinamento interno se dá em determinadas situações. Às vezes, nos rebelamos em relação a estes estados. Aqui, por exemplo, fomos ouvidas desde o começo e quando tem pelo menos uma pessoa que está te ouvindo realmente, tem um pedaço na gente que faz sentido, porque vemos alguma coisa ressoando. Mas no momento em que a quantidade da escuta é menor do que o tamanho da não escuta, o outro pedaço, que está sendo rejeitado, humilhado, bate na memória, e a gente fica como se não pudesse, não tivesse feito





nada, perde tudo de repente. E se chega um momento nessa balança em que esse lado fica maior do que aquele, como em um passe de mágica parece que tudo o que a gente sabia, não sabe mais, tudo o que a gente podia fazer, não pode mais. A gente se sente totalmente impotente, triste.

Maurinete: É um estado de realmente adoecer, é uma coisa física, o corpo responde. Eu, por exemplo, nestes estados, já travei o maxilar. Aí, eu percebi quanta coisa me magoava, quanta coisa me dava raiva.

Conceição: Eu tenho um bolo dentro do corpo. Uma hora está no estômago, dói, depois dói aqui atrás, dói no útero, dói no pé. O pé não levanta, não dá para andar. Vai criando tantos bolos na vida, que a gente sente mesmo. Justamente me dá essa coisa na garganta e me dá uma tosse muito grande. Aí eu tusso, tusso até perder a voz. Começou a me acontecer mais nas violações muito graves. Chega na garganta para fechar mesmo, para travar. Com a convivência, eu fui percebendo que as outras mães tinham o mesmo bolo. Elas sempre falam: “Ai, estou com um bolo no estômago”. E fica um monte de mulheres com esses bolos que não conseguem comer, não conseguem desmanchar. Esse bolo é uma reação do corpo à violência que ultrapassa qualquer capacidade de digerir.

Suely: Uma coisa que é mais recente na minha vida, é ter entendido que não tem um final feliz, nem um final infeliz também. Não tem final, não tem fim, é para sempre. A luta é entre quem acredita que a

vida possa ser expandida em todos os sentidos e quem não suporta que nada se mova.

Maurinete: E é um todo, quando vem, vem tudo. Vem o questionamento, o desafio, é um caldeirão só. Por isso que eu falo que esse movimento que a gente faz, que todos nós aqui fazemos, ele é um caldo, ele mexe com tudo. Às vezes fica muito pensado, eu concordo.

Contrafilé: Mas é que também a gente tem a ilusão de que antes era tranqüilo e quieto e na realidade não era, não é que o mundo desestabilizou, já era um caos, e a dor era tão profunda que nos mobilizou. E depois a gente faz a imagem de que podia ter ficado quieto, tranqüilo. Mas ficar nesse lugar quieto é mais o lugar da morte do que da vida.

Contrafilé: Porque vai dando vida conforme você vai entendendo o que se passa, vai entendendo que bem-estar do menor não é bem-estar, vai entendendo que Estado é esse que não é meu parceiro. Conforme as ligações vão sendo feitas, na verdade você vai deixando de ser morto, vai ficando vivo.

Suely: E essa briga não vai parar nunca, o que não quer dizer que não deu certo, só não deu certo quando a gente ainda acha que tem que chegar em um final feliz.





BANHO NO BUEIRO Adolescente entra em bueiro perto da ponte Bernardo Goldfarb, em Pinheiros, zona oeste de SP (esq.); ele e outros oito colegas de 13 a 16 anos, que usam água de sarjeta para tomar banho (dir.), relatam coceiras e micoses Pág. C1

Folha de São Paulo, 30 de setembro de 2006



Prefeito lacra bueiro de meninos de rua

Crianças usavam o local para banhos

DA REPORTAGEM LOCAL

A gestão José Serra (PSDB) interditou, com um bloco de concreto, o bueiro localizado sob a ponte Bernardo Goldfarb, em Pinheiros (zona oeste), onde pelo menos nove adolescentes, moradores de rua, utilizavam a água para tomar banho.

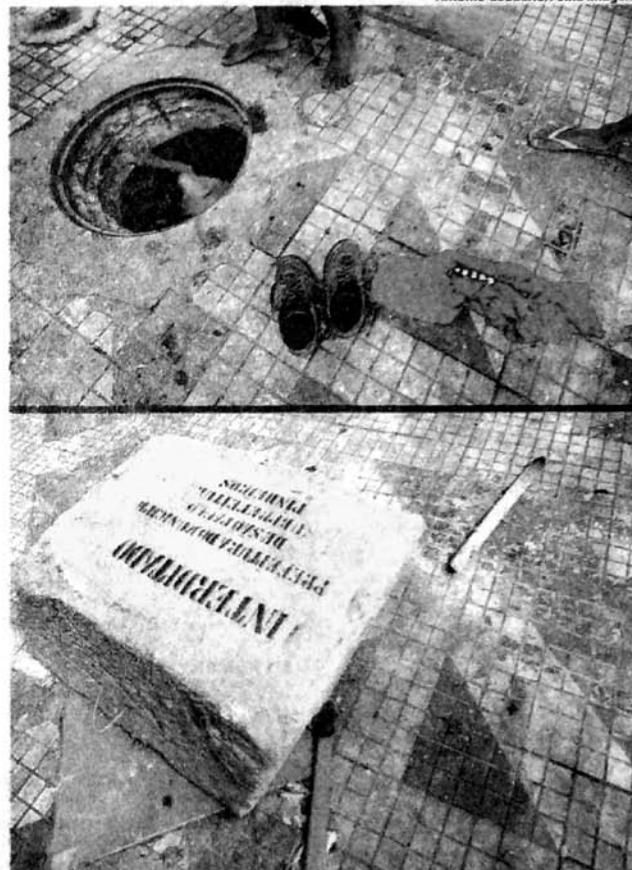
Com a medida, os adolescentes deixaram, ainda que temporariamente, de circular pelo local. A decisão da prefeitura foi tomada depois que a situação dos garotos foi revelada por reportagem da Folha.

Alguns dos adolescentes já haviam sido obrigados a mudar de endereço depois que a administração Serra construiu, na passagem que liga a avenida Paulista à Doutor Arnaldo, uma rampa que impede a presença de

moradores de rua sob o viaduto. A medida recebeu críticas de entidades ligadas ao setor que a consideraram higienista.

O secretário das Subprefeituras, Walter Feldman, afirmou que o bueiro foi interditado porque “não dá para aceitar crianças tomando banho na água usada ou se utilizando desses bueiros como moradia”. Segundo ele, a interdição foi acompanhada por assistentes sociais, que procuraram direcionar os adolescentes para albergues.

O subprefeito de Pinheiros, Antonio Marsiglia Netto, porém, não soube dizer se os garotos foram para os albergues. “Parece que parte [dos adolescentes] veio da avenida Paulista e outros da famosa cracolândia. Acabam ficando nômades, indo de um ponto para outro.” (VR)



Bueiro antes usado por garotos e depois de ser interditado



Assembléia Pública de Olhares realizada em 2005 pelo Contrafilé no Viaduto Okuhara Koei, Avenida Paulista, São Paulo.





Ação realizada pelo Contrafilé no Viaduto Okuhara Koei, Avenida Paulista, São Paulo, em 2006



...crianças circulam livremente...



Os meninos sob o viaduto e a faixa; ao lado, desenho de um dos garotos: folha de maconha e cola

A ciranda dos meninos de rua sob os viadutos

O grupo formado por cerca de 30 meninos e meninas vive de viaduto em viaduto. Até outro dia, estava na Avenida Sumaré, na região da Cracolândia ou em Higienópolis. Alguns já estiveram na Paulista antes

ARTHUR GUIMARÃES

Entorpecidas e sujas, as crianças brincam com uma nova versão da "Ciranda, cirandinha". Param sob um viaduto. Esperam a expulsão. Dão "meia volta, volta e meia", e fogem para outro lugar. Ontem, estavam sob o viaduto entre as avenidas Paulista e Doutor Arnaldo. O grupo, formado por cerca de 30 meninos e meninas, reúne garotos que estavam até outro dia na Avenida Sumaré, na região da Cracolândia ou em Higienópolis. Alguns já estiveram na Paulista antes. Mas tiveram de "cirandar".

O combustível para a brincadeira é gosmento, bege, colante, venenoso e altamente atordoante. A cola de sapateiro, distribuída em sacos plásticos ou garrafas, é comprada por "cachaceiros". Como explica C., 13 anos, pagando duas pingas para o sujeito, tudo está resolvido. "Ele vai lá e compra na loja", diz.

Entre colchões velhos, trapos e restos de comida, fica o cofre da garotada. Em um tênis, sem par, duas notas de R\$ 10, algumas de R\$ 2 e muitas de R\$ 1 são guardadas. Os valores denunciam a origem da quantidade - a escola. O futuro do dinheiro, nem precisa perguntar.

D., 14 anos, no entanto, vem brin-

car em direção ao repórter. Quer deixar claro que a droga não atrapalha a vida de ninguém. Ele próprio, que garante estar matriculado em uma escola pública, corre para pegar e mostrar seu caderno. Apenas uma página está preenchida. O resto, em branco. "Não é sempre que eu escrevo. Mas eu sei."

Para provar, pega o bloco de anotações da mão do repórter. Com a

Conversando com os meninos, percebe-se que todos, com certa periodicidade, passam por entidades de assistência como abrigos ou Febem

caneta, demora para escrever algo. "É que tô na brisa, tio." Mais um tempo. Ele começa. Escreve o próprio nome, com caligrafia confusa. "Só sei escrever com lápis", diz. Não perde tempo e faz ainda uma folha de maconha. Depois, desenha um boneco, segurando algo nas mãos. "Esse sou eu. Essa é a cola."

Em seguida, com a malandragem aprendida na rua, C. pede

uma página do bloco e, com letras tortas, infantis, anota o nome do repórter e o nome do jornal. Com uma inocência turbinada pelos bafoes de cola, avisa: "Quero anotar tudinho. Se você fizer alguma besteira, te processo."

Problemas familiares

Conversando com os meninos, percebe-se que todos, com certa periodicidade, passam por entidades de assistência. Seja um centro de referência, seja um abrigo, seja a Febem. Como são viciados, fugiram de casa por problemas familiares e, como alguns pontos de acolhida da Prefeitura não funcionam como deveriam, muitas crianças voltam para as ruas. Para a cola.

Essa "Ciranda, cirandinha" já é notada há alguns meses por quem circula na região central. A exclusão dessas crianças, que facilmente lotariam uma sala de aula, começa inclusive a virar tema de intervenções de artistas urbanos. Em uma faixa colocada, neste final de semana, no viaduto onde os meninos e meninas estão, os dizeres soam emblemáticos. "Crianças circulam livremente. A situação está novamente sob seu domínio."

Secretário diz que não há grupo fixo

Ontem, enquanto o **Jornal da Tarde** conversava com os garotos, uma equipe da Prefeitura acabava de falar com o grupo. Segundo o secretário Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, Floriano Pesaro, há um acompanhamento quase diário naquele lugar. "Todos estão monitorados. Tenho o nome de cada um", disse. Floriano explica que as crianças não formam um grupo fixo. "Já conseguimos tirar pelo menos 13 das ruas. Só que novos aparecem", afirma.

Para o secretário, a grande dificuldade em resolver o problema está no comprometimento com as drogas e no trauma familiar. "Nos centros de atendimento, tentamos convencê-los de que há coisas mais legais do que cheirar cola. Ensinamos grafite, levamos ao teatro, tentamos fazer com eles esqueçam a droga", afirma. "Estamos trabalhando duro, mas nem sempre funciona."



Faixa coberta pela Prefeitura de São Paulo em março de 2006.







APÊNDICE





[APÊNDICE 1]

56 Programa Para Descatralização da Própria Vida, Contrafilé, 2004.



Monumento à Catraca Invisível, Largo do Arouche, junho de 2004.

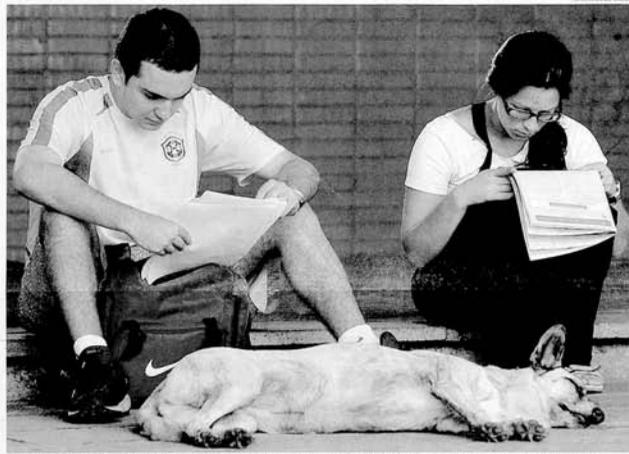


EDUCAÇÃO

- UNIVERSIDADE
- TECNOLOGIA
- CIÊNCIA
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- BEBÊ E CRIANÇA
- ESPECIAL

Fuvest 'catracaliza' o idioma

Tema da redação da 2.ª fase foi a 'descatracalização da vida', palavra usada para simbolizar os obstáculos



LIMITE - Minutos antes do horário final do fechamento dos portões da Politécnica para a prova da segunda fase do Fuvest, candidatos ainda repositavam a motetista

VESTIBULAR

Renata Calafato
Juliana de Faria

A segunda fase do Fuvest começou ontem podendo aos cerca de 30 mil candidatos que falassem sobre a "descatracalização da vida". A palavra, que não existe no dicionário, foi o tema da redação e simbolizava a soma metafórica dos obstáculos e obstáculos da sociedade, do ser, da cultura que o homem precisa superar. A dissertação valeia 50% da prova de português, que teve ainda dez questões divididas entre interpretação de texto, literatura e gramática.

Prova é considerada fácil por boa parte dos candidatos

todos os candidatos e teve 4,4% de absenteísmo no Estado. A Fuvest seleciona alunos para a Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa e Academia de Polícia Militar do Barro Branco.

Quem se limitou à crítica do Anuário se deu mal", completou a professora de redação do Curso e Colégio Objetivo, Maria Aparecida Cavalião. A candidata ao curso de Relações Internacionais Paula Poggio saiu satisfeita da prova na Escola Politécnica. "Consegi escrever sobre esse tema, pois é algo que deve ser refletido e não apenas uma questão de dicção", disse. Já o estudante de arte de Ilhabela Fernando Elensperger achou o tema comum demais. "Tapetei muito mais da Fuvest, queria escrever sobre algo mais diversão, mais desafiante".

As questões de português foram consideradas fáceis pelos vestibulandos. Uma das perguntas de gramática abordava a nomenclatura como uma ponte atenuante ou um verbo no gerúndio. "Achava que a Fuvest era um monstro", disse o vestibulando Francisco Carvalho ao deixar a sala de exame. Nervoso durante a prova, ele não teve os olhos cheios de lágrimas. Mas depois dos quatro horas de exame saiu tranquilo. "Foi fácil".

Na primeira fase do vestibular, os próprios dirigentes da Fuvest declararam estar de acordo a cada ano a prova mais acessível. A mudança segue recomendação da pró-reitora de graduação da USP, que precisava que o exame fosse "mais próximo dos estudantes de nível médio". Consequentemente, as médias aumentaram na etapa inicial. "Tema iniciático foi mantida na segunda fase, as questões não exigiam muito aprofundamento", disse o professor de português do Objetivo Nelson Dutra. A maior parte das perguntas era relacionada à interpretação de texto.



QUESTÃO ATUAL: Exame de português fez sobre a mania do gerúndio

Alguns alunos reclamaram apenas da complexidade da questão que trazia um texto de Guimarães Rosa. "Foi a única dificuldade que tive", disse o candidato Fabio Carvalho, de

18 anos, de Araraquã, que fez a redação em Ribeirão Preto. Na cidade, foram 2.300 candidatos. Passaram para a segunda fase da Fuvest 31.195 estudantes em todo o Estado e Colaborou Getulio Silveira, especial para o Estado

Mais de 2 mil concorrem a vagas na USP Leste

Leandro Santos, que concorreu a uma vaga em Gestão Ambiental, diz que quer ficar em casa. Isso é sua explicação para ter escolhido o curso no novo campus da USP na zona leste, região não montada. No ano passado, ele precisou a mesma carreira, que só era oferecida em Piracicaba. "Estudei até nos dias 23 de dezembro e 1º de janeiro", contou, animado.

Em seu ano de inscrição, a USP Leste recebeu 5.994 inscrições para seus dez cursos, cerca de 2 mil passaram para a segunda fase. Para muitos dos candidatos, a escolha foi motivada pela localização e a baixa nota de corte. Como os cursos foram menos concorridos - a maior relação candidato/vaga foi de 9,3 - as notas acabaram não sendo muito altas.

"O curso não foi tão difundido e, consequentemente, enfraqueceu os meus estudos", complementou Carolina Semerari, vestibulanda de Letras e Turismo. Mesmo com essa vantagem, a candidata a uma vaga do curso de Marketing Alinne Raquel, de 17 anos, não fez a prova em Campinas, saiu decepcionada. "Não entendi o tema, não fiz a redação e isso me deu dor de cabeça", Patricia Ruiz

NOTAS

SEMANA DE VESTIBULARES
Exames da segunda fase vão até quinta-feira

A segunda fase do Fuvest vai até quinta-feira. Os locais de exames serão os mesmos. Dependendo do curso escolhido, o vestibulando fará as provas das disciplinas indicadas pela Fuvest. A partir de hoje, nenhum candidato terá de fazer prova escrita por dia. Serão sempre dez questões dissertativas, que começam às 19 horas. Os portões são abertos às 12h30. Hoje, haverá as provas de História e Geografia e Matemática. Na quinta-feira, os estudantes fazem os exames de Matemática e, na sexta-feira, os de Física. Cada vestibulando fará no máximo quatro provas.

VAGAS NA FUVEST
9.567
de um total de 9.947 vagas para a USP, incluindo o novo campus na zona leste.

230
na Santa Casa, em cursos de Medicina e Enfermagem

150
na Academia de Polícia Militar do Barro Branco

PORTUGUESIDADE

No Tatupé, uma única turma não chega a tempo

Na Unip do Tatupé uma única turma vestibulanda não conseguiu chegar a tempo. Alvo Ribeiro, de 19 anos, perdeu sua chance de conquistar uma vaga na USP por conta de um atraso de 15 minutos do ônibus que o levou ao local da prova. Quando chegou ao local, ele ainda tentou correr, mas desistiu quando os portões foram fechados pelas coordenadoras. "No manual do candidato está escrito que eles não deixam estudantes atrasados entrarem, então pensei em correr e começar a chorar", diz. "Vou tentar agora porque de estudo em faculdades particulares".



APROVA NA VESTIBULAR
Para ficar tranquila, candidata leva a mãe

Daniela Yoshida, de 19 anos, não abre mão de ter a mãe. Ela, a seu lado minutos antes da abertura dos portões. "Eu sei como me tranquilizar, pois já passei por isso duas vezes com meu irmão", diz a estudante. Mas nem sempre foi assim. Sócio-foto mais estressada que o próprio filho nos dias da prova. "Eu souso tão nervosa. Acho que atrapalho mais do que ajudar", conta a mãe. Agora, mãe e filha sabem que ter a mãe é fundamental. "Estavam a muito e tentamos tudo de cabeça".

UNIP
UNIVERSIDADE PAULISTA
SEMPRE ATUALIZADA
Inscrições abertas
0800 10 9000
via internet: www.unip.br

Transforme seu potencial em sucesso profissional
PROCESSO SELETIVO - JANEIRO 2005

Prova tradicional Prova por agendamento
Sábado - às 14 horas **De segunda a sábado - das 9 às 20 horas**

Bolsa de Estudos Foi firmado acordo com a Associação de Pais e Alunos do Estado. Agora, você ganha bolsa de estudos ou desconto especial.

REDAÇÃO

Considere a foto e os textos abaixo:



Crédito foto: Jefferson Coppola / Folha Imagem (03 set. 04)

“Catraca invisível” ocupa lugar de estátua

Sem que ninguém saiba como – e muito menos o por quê – uma catraca enferrujada foi colocada em cima de um pedestal no largo do Arouche (centro de São Paulo). É o “**monumento à catraca invisível**”, informa uma placa preta com moldura e letras douradas, colocada abaixo do objeto, onde ainda se lê: “**Programa para a descatracalização da vida, Julho de 2004**”. (Foto ao lado)

(Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 04 de setembro de 2004)

[*Catraca = borboleta*: dispositivo geralmente formado por três ou quatro barras ou alças giratórias, que impede a passagem de mais de uma pessoa de cada vez, instalado na entrada e/ou saída de ônibus, estações, estádios etc. para ordenar e controlar o movimento de pessoas, contá-las etc.]

Grupo assume autoria da “catraca invisível”

Um grupo artístico chamado “Contra Filé” assumiu a responsabilidade pela colocação de uma catraca enferrujada no largo do Arouche (região central).

A intervenção elevou a catraca ao *status* de monumento “à **descatracalização da vida**” e fez parte de um programa apresentado no Sesc da Avenida Paulista, paralelamente ao Fórum das Cidades.

No site do Sesc, o grupo afirma que a catraca representa um objeto de controle “biopolítico” do capital e do governo sobre os cidadãos.

(Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 09 de setembro de 2004)

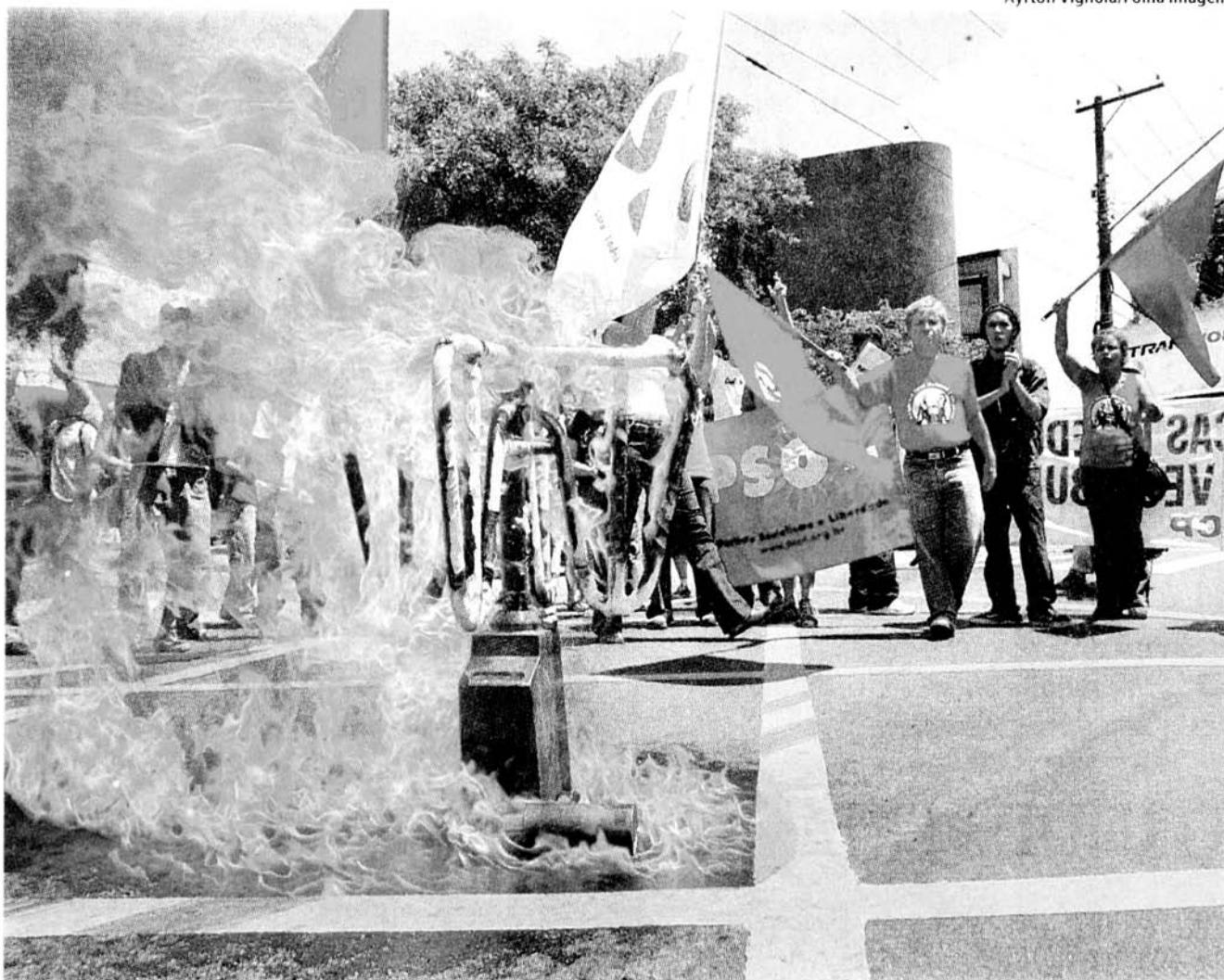
Em *site* sobre o assunto, assim foi explicado o projeto do grupo “Contra Filé”:

“O ‘Contra Filé’ desenvolveu o PROGRAMA PARA A DESCATRACALIZAÇÃO DA PRÓPRIA VIDA. A catraca representa um signo revelador do controle biopolítico, através de forças visíveis e/ou invisíveis. Por quantas catracas passamos diariamente? Por quantas não passamos, apesar de termos a sensação de passar?”
(<http://lists.indymedia.org/pipemail/cmi-brasil-video/2004-july/0726-ct.html>)

INSTRUÇÃO. Como você pôde verificar, observando o noticiário da imprensa e o texto da Internet aqui reproduzidos, a catraca que “apareceu” em uma praça de São Paulo era, na verdade, um “**Monumento à catraca invisível**”, ali instalado pelo grupo artístico “Contra Filé”, como parte de seu “**Programa para a descatracalização da vida**”. Tudo indica, portanto, que o grupo responsável por este programa acredita que há um excesso de controles, dos mais variados tipos, que se exercem sobre os corpos e as mentes das pessoas, submetendo-as a constantes limitações e constrangimentos. Tendo em vista as motivações do grupo, você julga que o programa por ele desenvolvido se justifica? Considerando essa questão, além de outras que você ache pertinentes, redija uma **DISSERTAÇÃO EM PROSA**, argumentando de modo a apresentar seu ponto de vista sobre o assunto.



Ayrton Vignola/Folha Imagem

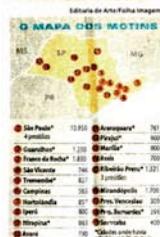


FOGO NA CATRACA Manifestantes incendeiam catraca antes de invadir prédio da Fuvest, cujo tema de redação foi a 'descatracalização da vida'; eles criticam a taxa do vestibular Pág. C7



Motins no Estado, com 8 mortes, envolvem 27 mil presos e começaram no Carandiru, onde foram feitos 7.000 reféns

24 presídios se rebelam em SP



Temos medo de morrer, diz preso

GABRIELA ATHIAS
DA REPORTAGEM LOCAL

A Folha falou pelo celular com um preso da Penitenciária do Estado, identificado como "Tio". Segundo ele, houve mortes no pavilhão 1 do presídio após a saída das vistas. **Folha - O Batalhão de Choque já invadiu o pavilhão 2?**
Tio - Já, mas as visitas continuam aqui. Se elas saírem, a gente tem medo de morrer. **Pág. C4**



Um dos pavilhões do Carandiru, onde cerca de 10 mil presos se rebelaram, com lençóis brancos nas janelas pedindo paz

Editoria de Arns-Folha Imagem

Cerca de 27 mil presos se rebelaram simultaneamente em 24 presídios de 19 cidades paulistas. Os motins começaram ontem à tarde, no complexo penitenciário do Carandiru (zona norte de São Paulo), que inclui a Casa de Detenção e a Penitenciária do Estado. Nos dois presídios, 9.700 presos fizeram 7.000 reféns, na maioria visitantes. A Penitenciária Feminina, também no Carandiru, teve 500 presas rebeldes.

Segundo a Polícia Militar, o motivo das rebeliões foi a transferência de cinco presos acusados de liderar o grupo PCC (Primeiro Comando da Capital) de São Paulo para Taubaté, na última sexta. O PCC é uma facção criminosa surgida nos anos 90 e acusada de tráfico de drogas, assassinatos e extorsões de detentos nas penitenciárias paulistas.

Até as 23h30 de ontem, haviam sido contabilizados oito mortos e nove feridos. À noite, as direções de 11 presídios confirmaram que as rebeliões estavam controladas. Os motins continuavam em outros 13, incluindo o Carandiru, onde 30 pessoas foram liberadas no final da noite. **Cedidiane**

24 presídios se rebelam em SP



Um dos pavilhões do Carandiru, onde cerca de 10 mil presos se rebelaram, com lençóis brancos nas janelas pedindo paz



DEPOIS DOS LEVANTES
Na Casa de Detenção,
a imagem dos presos
rendidos deixou aliviado
o governo paulista

DEPOIS DOS LEVANTES
Na Casa de Detenção,
a imagem dos presos
rendidos deixou aliviado
o governo paulista





FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, sexta-feira, 16 de fevereiro de 2001

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO • UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 425 • ANO 80 • Nº 16.512 • R\$ 1,50

Um dia após deixar comando do Senado, pefelista diz que 'dinheiro público teve presença forte' na eleição parlamentar

FHC e Jader são iguais, afirma ACM

JOSIAS DE SOUZA
DIRETOR DA SEÇÃO JORNAL DE BRASÍLIA

O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) disse que Jader Barbalho e Fernando

Henrique Cardoso "são as mesmas pessoas". A frase foi dita um dia após Jader, acusado de corrupção por ACM, chegar à presidência do Senado, com apoio velado de FHC.

ACM, que perdeu o comando do Congresso para o senador peemedebista, disse que a disputa pelas Casas "foi suja". "O dinheiro público teve presença forte", declarou. Se-

gundo o senador, que concedeu entrevista em seu gabinete, em Brasília, há ministros "que utilizam o dinheiro público para fins escusos, inclusive a compra de deputados".

Sobre FHC, ACM declarou que ele "não ficou neutro na disputa em que a compra de votos foi visível" e disse que o Planalto "terá de agir" se quiser que o governo "tenha êxito

moral". Para o senador, o governador Tasso Irefeistati (PSDB-CE) seria um candidato governista à Presidência melhor do que o ministro José Serra (Saúde). Pág. A6



ATO PACÍFICO Parentes de presos protestam por melhores condições para detentos na Cadeia Pública de Pinheiros (SP); cerca de 300 pessoas, incluindo 50 crianças, dormiram no local na manifestação, encerrada ontem, depois de 22 horas. Pág. C4

Secretário de SP sofre sequestro relâmpago

O secretário da Saúde da Prefeitura de São Paulo, Eduardo Jorge, passou duas horas trancado com seu motorista no porta-malas do carro oficial, após ser sequestrado no trânsito por assaltantes que vinham em três automóveis, na Vila Mariana (zona sudoeste).

Os ladrões levaram dinheiro e cartões de banco com a senha para sacar dinheiro. Jorge e o motorista foram deixados na periferia de São Bernardo (Grande SP). Segundo a polícia, o mesmo bando cometera dois outros sequestros semelhantes na madrugada. Pág. C1

Acordo cria governo de coalizão em Israel

O primeiro-ministro de Israel, Ehud Barak, aceitou a participação de seu partido, o Trabalhista, no governo de união nacional do premiê eleito, o conservador Ariel Sharon. Os trabalhistas ficaram com a pasta da Defesa — Barak é o mais cotado — e a Chancelaria.

O Partido Trabalhista e o Likud, de Sharon, acertaram buscar por ora apenas um acordo de paz provisório e parcial com os palestinos — Barak queria um acordo final. Segundo a rádio estatal, ele aceitou a aliança devido à "difícil situação" na segurança. Pág. A9



ATO PACÍFICO Parentes de presos protestam por melhores condições para detentos na Cadeia Pública de Pinheiros (SP); cerca de 300 pessoas, incluindo 50 crianças, dormiram no local na manifestação, encerrada ontem, depois de 22 horas Pág. C4





O grupo MICO, que deu origem ao Contrafilé, deslocou a frase do jornal para muros e viadutos de bairros centrais na cidade de São Paulo.



O PODER DO CRIME

Facção diz que, se Marcola for removido de presídio no RS para Taubaté, haverá rebelião maior do que a do último domingo

Transferência de líder do PCC agita prisões

SABRILLA ATHIAS
DA REPORTAGEM LOCAL

A volta de um dos líderes do PCC (Primeiro Comando da Capital), Marcos Willians Herbas Canache, o Marcola, da Penitenciária de Itui, no Rio Grande do Sul, para São Paulo, está agitando as lideranças da Penitenciária do Estado, atual "QG" da facção.

Marcola foi removido da Casa de Detenção de São Paulo para Itui na sexta-feira, em um acórdão entre os dois Estados. Na operação, foram transferidos outros co-

coerter muito sangue".

Ele disse acreditar que o governo será "bem sábio" e permitir que Marcola fique em qualquer outra penitenciária. A destituição da Casa de Custódia de Taubaté é uma das principais bandeiras do PCC. A facção reclama do sistema severo do presídio, que permite apenas 30 minutos de sol por dia e proíbe visitas íntimas aos presos.

Marcola foi removido da Casa de Detenção de São Paulo para Itui na sexta-feira, em um acórdão entre os dois Estados. Na operação, foram transferidos outros co-

to líderes da facção para presídios de segurança máxima do interior —parte fixa em Ituiuba.

Acostumem o juiz Leércio Sidicimoi, da Vara de Execuções Criminais de Itui, determinar a transferência de Marcola, por entender que a situação em São Paulo é mais normal.

A data da remoção não está definida. A posição oficial do governo é que a determinação será cumprida após o Carnaval. A Alfabida Frelha afirmou, porém, que a remoção pode ocorrer antes, mas será feita de forma sigilosa para evitar reação nas cadeias.

Ontem, durante toda a tarde, lideranças do PCC reuniram-se em uma das celas da penitenciária, mudadas de oito celulares, para decidir o que fazer caso Marcola vá para Taubaté. Segundo eles, está "tudo pronto" para uma rebelião maior do que a do domingo.

"Estamos vindo até onde é possível chegar e se dá para fazer isso (rebelião) em outros Estados."

Hoje, o comando deverá divulgar um documento com a "posição oficial" da facção sobre a crise no sistema penitenciário. Segun-

do G., o governo deveria negociar porque, hoje, o PCC representa 12 mil detentos do Estado —o sistema carcerário em São Paulo tem 94 mil presos. "A intenção é conversar na moral. Mas, se não tiver jeito, podemos forçar o governo a ceder fazendo mutações nas ruas e nas cadeias. Se de quiser acabar com a gente na força, vai ter de botar o choque para matar pelo menos 12 mil presos."

Cadernos e Agência Folha
→ LEIA MAIS da pág. C1 e C8



Faixa do PCC na avenida Sumaré (zona sudoeste de São Paulo), vista da estação de metrô

Facção espalha faixas pela cidade

DA REPORTAGEM LOCAL

"Não estamos em rebelião. Queremos nossos direitos. Paz." Essa é a inscrição de faixas colocadas ontem em diversos pontos da cidade por membros do PCC que estão em liberdade.

Líderes da facção ainda não sabem dizer quantas serão espalhadas pela cidade. Ontem, a reportagem verificou a existência de faixas nas avenidas Sumaré, Rebouças e Consolação (zona sudoeste). Elas estão sem a assinatura da organização, disse um dos líderes, para não comprometer as pessoas que estiverem pregando, em caso de a polícia chegar.

"Nosso objetivo é mostrar para a população que queremos negociar em paz com o governo", disse um integrante do PCC na Penitenciária do Estado. Segundo ele,

serão colocadas faixas em vários bairros. Ontem à noite, a assessoria de imprensa da Secretaria da Segurança disse desconhecer a existência das faixas. Só hoje vai pronunciar sobre o caso.

PASSAGENS AÉREAS
Porto Belo Custo 6
BA
Passagens para São Paulo
RECIFE
a partir de
RS270,00
NATAL
a partir de
RS284,00
256-0700

Lojas As melhores marcas com
G.A. PREÇOS IMBATÍVEIS
LÍQUIDADAIS PARA O LAR
• Geladeiras • Freezers • Fogões • Microondas
• Fornos • TVs • Sons • Eletrodomésticos • Etc.
R. Cons. Crispiniano, 76 - Centro
R. Cons. Crispiniano, 143 - F.: 258-7883
Av. Brig. Luís Antônio, 1.880 - Bela Vista
Próximo ao Vinte e Três de Maio. Estacionamento no local
São Paulo - SP
O INÍMIGO N°1 DOS PREÇOS ALTOS

Facção espalha faixas pela cidade

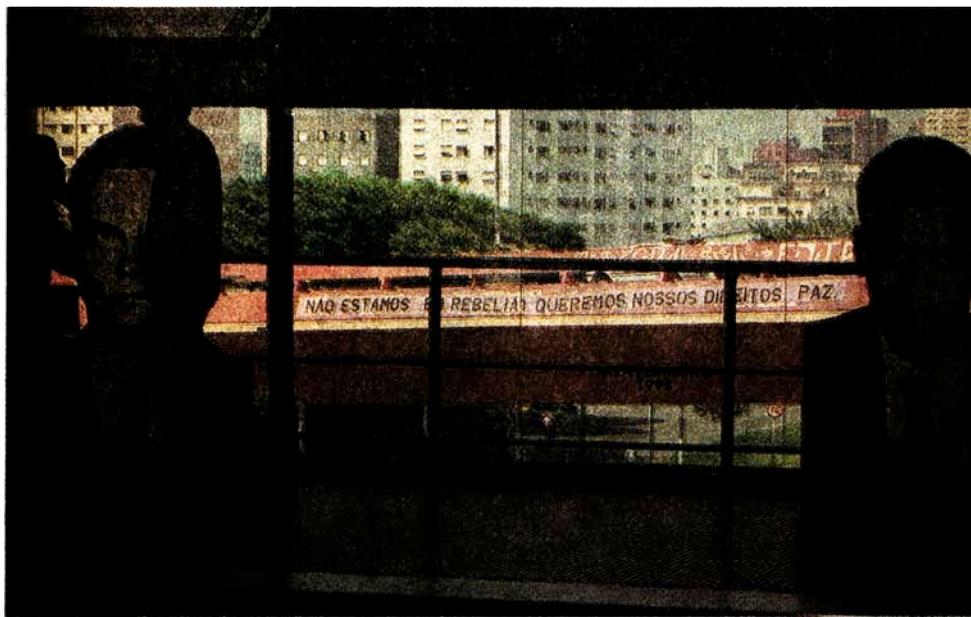
DA REPORTAGEM LOCAL

"Não estamos em rebelião. Queremos nossos direitos. Paz." Essa é a inscrição de faixas colocadas ontem em diversos pontos da cidade por membros do PCC que estão em liberdade.

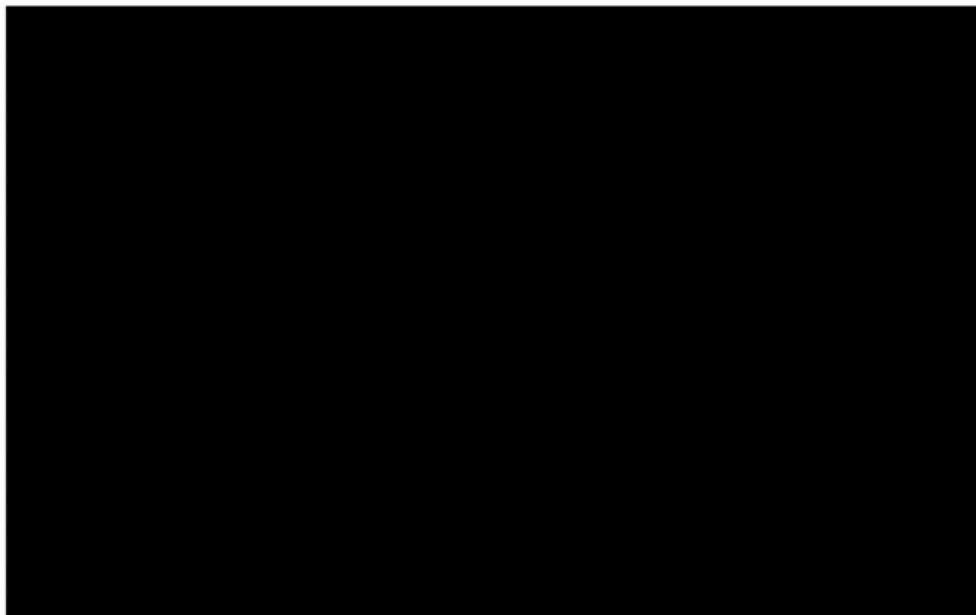
Líderes da facção ainda não sabem dizer quantas serão espalhadas pela cidade. Ontem, a reportagem verificou a existência de faixas nas avenidas Sumaré, Rebouças e Consolação (zona sudoeste). Elas estão sem a assinatura da organização, disse um dos líderes, para não comprometer as pessoas que estiverem pregando, em caso de a polícia chegar.

"Nosso objetivo é mostrar para a população que queremos negociar em paz com o governo", disse um integrante do PCC na Penitenciária do Estado. Segundo ele,

serão colocadas faixas em vários bairros. Ontem à noite, a assessoria de imprensa da Secretaria da Segurança disse desconhecer a existência das faixas. Só hoje vai pronunciar sobre o caso.

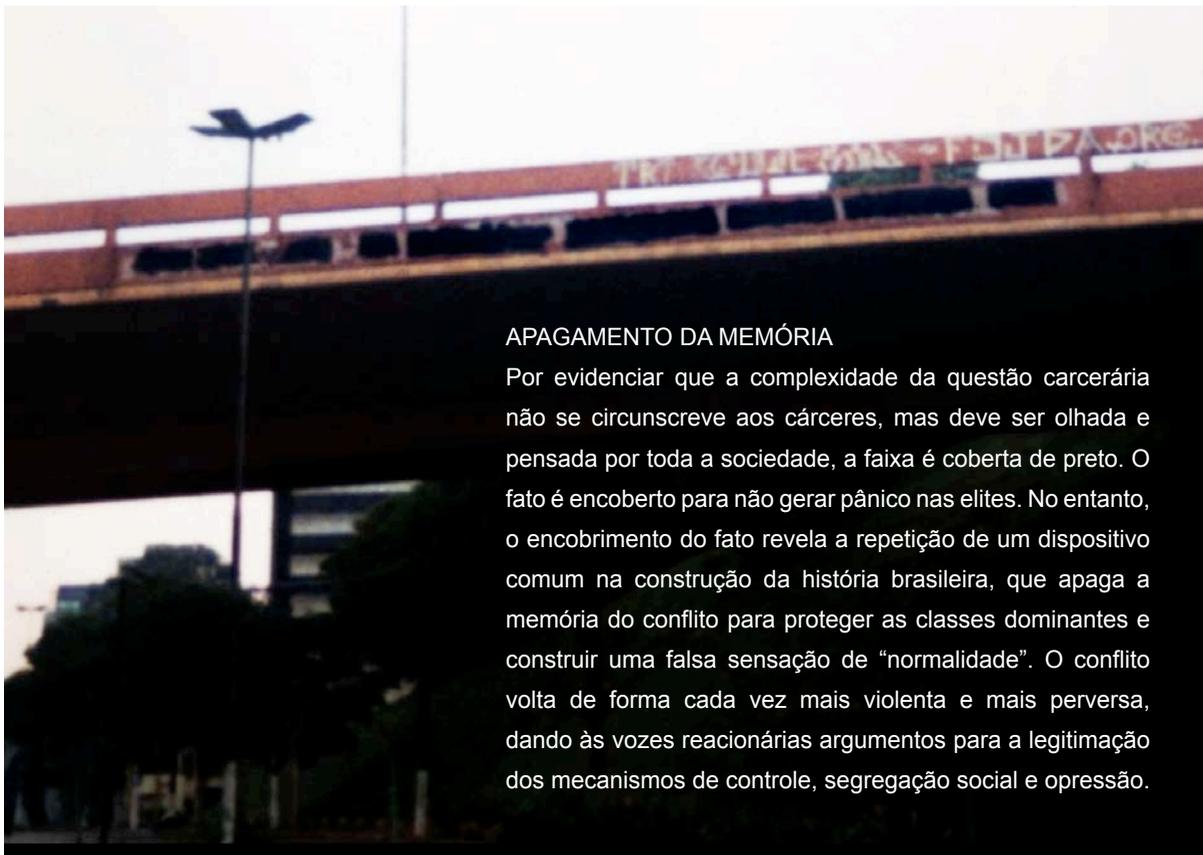


Faixa do PCC na avenida Sumaré (zona sudoeste de São Paulo), vista da estação de metrô



Faixa do PCC na avenida Sumaré (zona sudoeste de São Paulo), vista da estação de metrô





APAGAMENTO DA MEMÓRIA

Por evidenciar que a complexidade da questão carcerária não se circunscreve aos cárceres, mas deve ser olhada e pensada por toda a sociedade, a faixa é coberta de preto. O fato é encoberto para não gerar pânico nas elites. No entanto, o encobrimento do fato revela a repetição de um dispositivo comum na construção da história brasileira, que apaga a memória do conflito para proteger as classes dominantes e construir uma falsa sensação de “normalidade”. O conflito volta de forma cada vez mais violenta e mais perversa, dando às vozes reacionárias argumentos para a legitimação dos mecanismos de controle, segregação social e opressão.





Estratégia usada pelo PCC durante
a rebelião de maio de 2006.





EPÍLOGO

A decisão de transformar estes caminhos de encontros e ações em uma publicação vem da necessidade de gerar diálogo, de tentar abrir portas para a discussão da nossa sociedade e seus possíveis rumos. Por isso, seu conteúdo é polifônico. Aqui, não estão presentes só nossas vozes, mas a composição de uma carga de experiências diversas que tornou possível a densificação destas problemáticas.

Portanto, nosso maior desejo é que esta pequena publicação se ressignifique tantas vezes quantas seja lida, somando em seu caminho mais vozes que a complexifiquem, que a carreguem de sentido. Vai nela toda nossa vontade de que estas páginas constituam uma nova **Assembléia Pública de Olhares**.





Esta obra foi impressa pela
Fast Print para o Contrafilé
em setembro de 2007

